

REVISTA



NUMISMÁTICA
E MEDALHÍSTICA

2.ª SÉRIE
NÚMERO 1
2023



CASA DA MOEDA



FICHA TÉCNICA

Revista M

ISSN 2184-2876

2.ª Série · Número 1 · 2023

Âmbito e objetivos

A *Revista M* é a revista científica do Museu Casa da Moeda, um projeto de museologia digital desenvolvido pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Nela se publicam textos que representem contributos relevantes para o aprofundamento dos conhecimentos em áreas como a numismática, a medalhística, a notafilia e a filatelia.

Editor

Mário Gouveia (INCM/MCM)

Conselho Editorial

Alberto Canto García (UAM, Madrid)

Maria João Gaiato (INCM, Lisboa)

Maria Rosa Figueiredo (FCG, Lisboa)

Mário Barroca (FLUP, Porto)

Nuno Valério (ISEG, Lisboa)

Rita Martins de Sousa (ISEG, Lisboa)

Rui Centeno (FLUP, Porto)

Ruth Pliego Vázquez (US, Sevilha)

Coordenador do número

Mário Gouveia (INCM/MCM)

Propriedade

Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda

Avenida António José de Almeida

Edifício Casa da Moeda

1000-042 Lisboa (Portugal)

museucasadamoeda@incm.pt

www.museucasadamoeda.pt

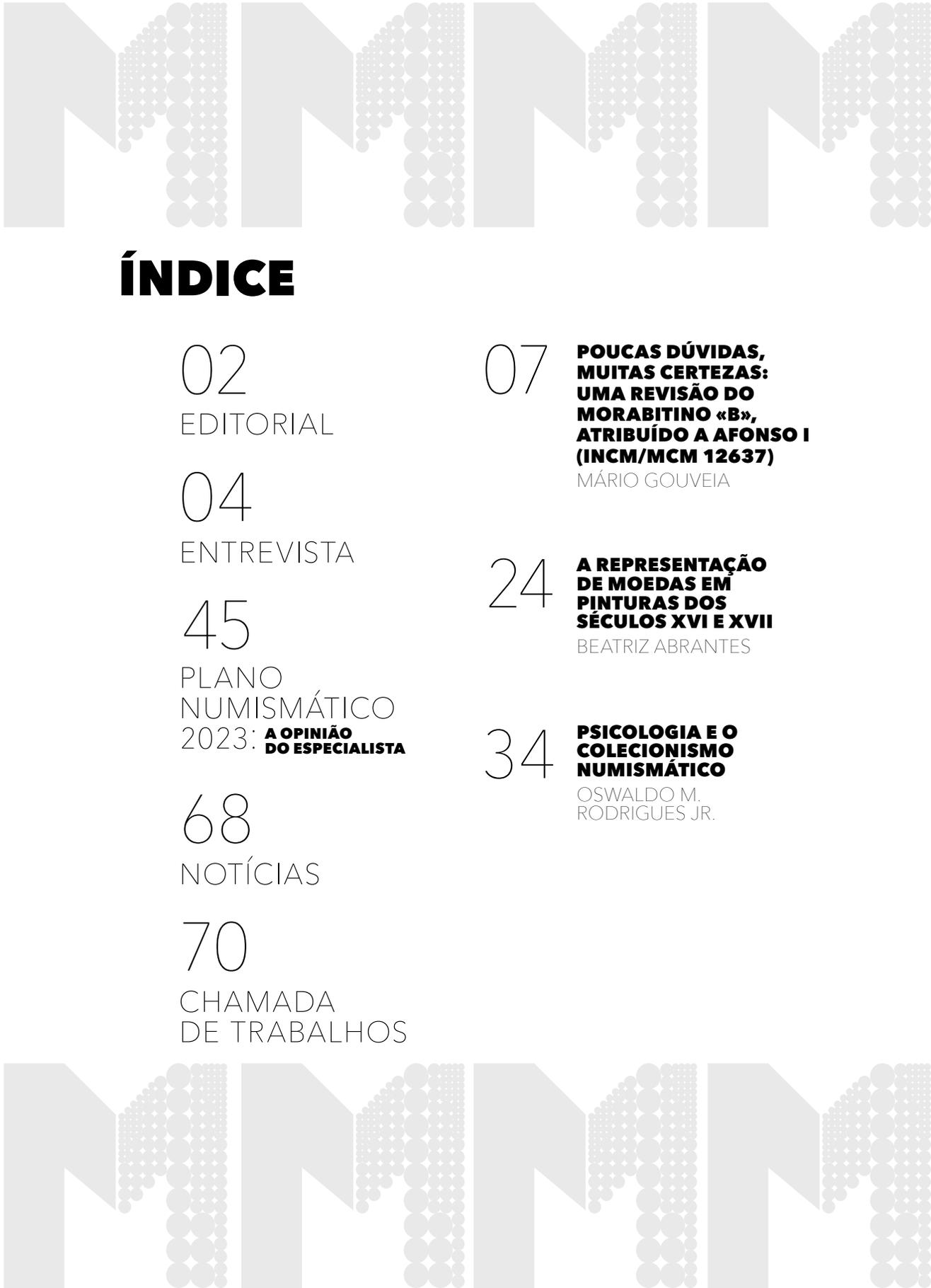
Design e paginação

Filipa Gregório (INCM/MCM)

Copyright © 2023 Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda.

Imagem de capa: morabito de Sancho I de Portugal (INCM/MCM 4235)

WWW.MUSEUCASADAMOEDA.PT



ÍNDICE

02

EDITORIAL

04

ENTREVISTA

45

PLANO
NUMISMÁTICO
2023: **A OPINIÃO
DO ESPECIALISTA**

68

NOTÍCIAS

70

CHAMADA
DE TRABALHOS

07

**POUCAS DÚVIDAS,
MUITAS CERTEZAS:
UMA REVISÃO DO
MORABITINO «B»,
ATRIBUÍDO A AFONSO I
(INCM/MCM 12637)**

MÁRIO GOUVEIA

24

**A REPRESENTAÇÃO
DE MOEDAS EM
PINTURAS DOS
SÉCULOS XVI E XVII**

BEATRIZ ABRANTES

34

**PSICOLOGIA E O
COLECIONISMO
NUMISMÁTICO**

OSWALDO M.
RODRIGUES JR.

O ano de 2023 traz várias novidades para a *Revista M*, a única revista digital, especializada em Numismática e Medalhística, publicada em Portugal.

A que salta mais à vista é a reformulação do *layout*, agora a cargo da equipa de *designers* da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. O *layout* mantém inalterados os aspetos que associam a *Revista M* à instituição que assegura a sua publicação: o Museu Casa da Moeda. O logótipo que integra o nome da revista corresponde à imagem de marca que o Museu Casa da Moeda tem vindo a utilizar, desde a sua abertura ao público, em 2017, e que constitui parte da sua identidade gráfica.

A mudança do *layout* implicou também um novo desenho dos elementos estruturais da revista: a capa, o índice, os separadores, os artigos. Esta mudança é fruto das sugestões que recebemos e da experiência que acumulámos desde o primeiro número da revista. Ao dar resposta às sugestões dos leitores, a quem desde já agradecemos, a *Revista M* tornou-se visualmente mais apelativa e convidativa à leitura, quer através do computador, quer através do *tablet* ou do telemóvel.

Com este número, inauguramos a 2.^a série da *Revista M*. Esta decisão prende-se com o facto de a estrutura da revista ter sido repensada, de forma a integrar novas secções. Além de uma entrevista, a revista passará a incluir também uma reflexão sobre o Plano Numismático, a cargo de um especialista na matéria. Como é evidente, estas novidades não desvirtuam o sentido fundamental da revista, que é ser uma plataforma digital que assegura a publicação e a divulgação de artigos científicos, escritos por investigadores portugueses e estrangeiros.

Cumprimos, pois, mais uma vez, a nossa missão de serviço público: não é em todos os lados que o leitor pode descarregar, ler ou divulgar uma revista científica, especializada em Numismática e

Medalhística, de forma inteiramente gratuita. Além da sua dimensão digital, este facto facilita a disseminação do conhecimento numa escala sem precedentes até há poucas décadas. A *Revista M* torna-se assim uma revista ao alcance de todos, sempre receptiva ao que os seus autores e leitores têm para dizer.

Para terminar, convidamos todos os interessados a folhear este número. Estamos certos de que a nossa revista traz muitas novidades para todos quantos se interessam pelo mundo das moedas e das medalhas.

O EDITOR DA REVISTA M

Mário Gouveia

Duarte Azinheira
ADMINISTRADOR DA INCM



No ano em que repensa o seu conceito editorial, a *Revista M* inaugura uma secção destinada a dar voz a todos aqueles que, em Portugal, trabalham em prol do colecionismo numismático e medalhístico. Conhecido do grande público pelo facto de ter exercido funções, durante vários anos, como responsável pelas áreas de edição e cultura da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Duarte Azinheira assumiu, em 2023, novos desafios profissionais como administrador da INCM.

Entre outras funções relevantes, Duarte Azinheira tutela atualmente a área de produção de moeda da INCM e preside ao órgão consultivo que acompanha este processo: o Conselho Numismático. Do seu extenso currículo consta também o facto de ter sido, entre 2017 e 2023, diretor do Museu Casa da Moeda, o primeiro projeto de museologia digital dedicado à numismática e à medalhística em Portugal.

Dr. Duarte Azinheira, pode falar-nos um pouco do seu percurso profissional até ser nomeado Administrador da Casa da Moeda, com tutela sobre a produção de moeda metálica?

Trabalhei em grandes empresas do setor público e privado como técnico e dirigente, mas, também, como consultor e docente universitário nas áreas comportamentais e de gestão. Nos últimos vinte anos, trabalhei sobretudo na área cultural, como diretor editorial, mas também como consultor e programador. Exerci funções executivas no setor editorial privado e fui consultor de grandes instituições culturais portuguesas. Fui diretor editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda entre 2010 e 2023. Durante este período, fui tendo outras funções de direção exercidas em acumulação (*Diário da República*, Rede de Lojas INCM, Museu e Arquivo Histórico, Área Comercial do Livro). Tenho também sido professor e conferencista convidado em matérias

relacionadas com a gestão editorial, o livro e a leitura, a transição digital no setor cultural e a edição de serviço público. Desde maio de 2023, integro o Conselho de Administração da INCM com funções de supervisão das áreas de serviço público (Cultura, Moeda e Contrastarias) e inovação, mas também a Rede de Lojas, o *Marketing* e a Comunicação, as Compras e a Área Jurídica.

O Plano Numismático visa dar a conhecer ao público as moedas que vão entrar em circulação ao longo do ano. Enquanto Presidente do Conselho Numismático, como vê o trabalho subjacente à elaboração do Plano?

O trabalho dos membros do Conselho Numismático é valiosíssimo. São pessoas de reconhecido mérito, mas com perfis muito distintos e que, por isso, trazem para o Conselho mundividências muito diferentes. Em todo o caso, todos os conselheiros estão unidos por uma visão que atribui à moeda comemorativa um elevado valor cultural, que garante a perenidade de uma visão da sociedade e do mundo num dado momento (que acontece ser o nosso).

Para dar a conhecer a sua coleção de moedas e medalhas, a Casa da Moeda desenvolveu um projeto de museologia digital inovador: o Museu Casa da Moeda. Enquanto Diretor deste Museu, considera-o uma forma de serviço público?

Sim, eu estive na génese do projeto Museu Casa da Moeda e fui seu diretor até ao dia em que passei a integrar o Conselho de Administração da INCM e todas as minhas funções anteriores ficaram suspensas (como, aliás, decorre da lei). O Museu Casa da Moeda é um projeto muito interessante, que visa ajudar a tornar pública uma excecional coleção numismática e medalhística com cerca de 36000 moedas e 9600 medalhas. É um museu como todos os outros: tem uma exposição permanente, organiza exposições temporárias, edita catálogos e livros, tem um serviço educativo, etc. Creio que, neste momento, talvez precise de alguma atualização do ponto vista do *design* e de algumas funcionalidades (trata-se de uma situação absolutamente normal em projetos digitais).

A captação de novos públicos para o colecionismo numismático é um dos maiores desafios que a Casa da Moeda enfrenta. Na sua opinião, como é possível despertar o interesse das gerações mais novas?

Creio que esse caminho tem vindo a ser realizado de forma muito original, juntando tradição e inovação. As novas ofertas com temáticas completamente diferentes e acabamentos originais tem vindo a trazer novos públicos. Ainda agora, a moeda do «Mundo Digital» despoletou o interesse de pessoas próximas de mim que nunca se interessaram por moedas. A série de moedas dedicadas à arte urbana, de que, há poucas semanas, foi lançada a concebida por Bordalo II, é um magnífico exemplo estético, mas também simbólico, de uma sociedade em mudança, que se desformalizou e se democratizou. Os artistas urbanos, quando começaram (há umas dezenas de anos), eram perseguidos pela polícia, mas hoje concebem moedas comemorativas da República!

Para concluir, que palavras gostaria de deixar para todos quantos ainda não se deixaram fascinar pelo mundo das moedas e medalhas?

Que as moedas são hoje objetos de elevada valia cultural, que incorporam valores, formas de pensar, desejos, mas também medos de uma sociedade, de um país, de um povo, num certo momento histórico. Porém, não são apenas instantâneos: são histórias contadas por grandes artistas, que se materializam em pequenos objetos que concentram uma excecional beleza. As moedas são manifestações de soberania (só um Estado pode cunhar moeda). Por último, as moedas são também, em muitos casos, uma reserva de valor.

POUCAS DÚVIDAS, MUITAS CERTEZAS: UMA REVISÃO DO MORABITINO «B», ATRIBUÍDO A AFONSO I

(INCM/MCM 12637)

MÁRIO
GOUVEIA

Historiador, Numismata e Gestor
de Coleção Museológica
INCM/Museu Casa da Moeda
mario.gouveia@incm.pt

RESUMO: O objetivo deste artigo é contribuir para o esclarecimento da problemática de autenticidade relativa a uma moeda de ouro que, desde os finais do século XIX, tem suscitado polémica entre os numismatas portugueses: o morabitino «B», atribuído ao rei Afonso I de Portugal. A partir da sua caracterização tipológica, apresentam-se alguns argumentos que corroboram a hipótese de se tratar de uma moeda falsa, produzida com o objetivo de atribuir ao primeiro rei de Portugal uma denominação monetária inexistente até ao reinado do seu filho, Sancho I.

PALAVRAS-CHAVE: Morabitino «B» – Afonso I de Portugal (1143-1185) – A. C. Teixeira de Aragão – Crítica de autenticidade.

ABSTRACT: The aim of this essay is to clarify the problem of authenticity regarding a gold coin that, since the end of the 19th century, has sparked controversy among the Portuguese numismatists: the morabitino «B», attributed to king Afonso I of Portugal. Based on its typological characterization, one presents a set of arguments that corroborate the hypothesis that this is a counterfeit coin, produced in order attribute to the first king of Portugal a monetary denomination that did not exist until the reign of his son, Sancho I.

KEYWORDS: Morabitino «B» – Afonso I of Portugal (1143-1185) – A. C. Teixeira de Aragão – Authenticity critique.

Introdução

1. Apresentação do relatório

Este relatório foi elaborado para cumprimento dos requisitos necessários à conclusão da componente avaliativa do seminário de Avaliação e Peritagem de Obras de Arte, que integra o plano curricular do curso de pós-graduação em Mercado da Arte e Colecionismo pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no 2.º semestre do ano letivo de 2022/2023. Na forma como se apresenta, este relatório é constituído por um conjunto de alíneas e subalíneas que visam apresentar os resultados do trabalho desenvolvido pelo signatário em torno de um objeto integrado na coleção numismática da Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda: o morabitino «B», atribuído a Afonso I de Portugal (1143-1185) e identificado, nesta coleção museológica, pelo número de inventário INCM/MCM 12637 (antiga Col. Casa da Moeda, Fundo Geral).

Além de identificar os objetivos do trabalho de peritagem, este relatório visa apresentar um conjunto de reflexões sobre o contexto histórico em que esta moeda terá sido alegadamente produzida e utilizada, em especial no tocante à história política e económica do reino de Portugal nos séculos XII e XIII e ao sistema monetário em vigor no país durante os séculos iniciais da Idade Média. Por outro lado, é elaborado um ponto da situação sobre as

investigações que se têm realizado ao longo das últimas décadas, tendo esta moeda como objeto de estudo, e apresentada uma tentativa de estabelecimento de parâmetros (tipológico, metrológico, histórico, museológico e bibliográfico) suscetíveis de permitir, com base na sua articulação, uma análise detalhada do objeto de acordo com critérios científicos.

De forma geral, o intuito deste trabalho é proceder à peritagem de um objeto cuja autenticidade tem sido questionada e debatida por muitos especialistas na área, nomeadamente desde que A. C. Teixeira de Aragão publicou, em 1874, a sua obra de referência sobre numismática portuguesa, ainda hoje considerada um clássico na matéria, intitulada *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*¹, na qual considerou esta moeda um objeto autêntico e isento de dúvidas no tocante à sua atribuição histórica. Para o efeito, define-se *a priori* um conjunto de objetivos genéricos e específicos cuja associação permite não só orientar o trabalho de peritagem, mas também enquadrar os resultados deste trabalho sob a forma de um relatório sustentado em dados científicos.

2. Objetivos do trabalho

Generais

Para a concretização deste estudo, definimos um conjunto de objetivos que visam delimitar os critérios que serão tidos em

1. ARAGÃO 1874-1880.

conta, à medida que procedermos à análise do objeto monetário. Entre os objetivos gerais que pretendemos alcançar, podemos destacar os seguintes:

1. Identificar um problema que possa ser trabalhado no âmbito dos estudos de avaliação e peritagem de obras de arte;
2. Enquadrar o problema nos pressupostos metodológicos e epistemológicos que definem este domínio;
3. Proceder à leitura da bibliografia sobre o tema e conhecer as mais recentes tendências da investigação neste domínio;
4. Cruzar as conclusões avançadas por outros investigadores com as resultantes do trabalho a ser desenvolvido;
5. Elaborar um estudo que contribua para o aprofundamento dos nossos conhecimentos sobre o problema identificado.

Específicos

No respeitante aos objetivos específicos, podemos destacar os seguintes:

1. Refletir sobre o contexto que assiste à produção da primeira moeda de ouro em território português: o morabitino, lavrado nos reinados de Sancho I (1185-1211), Afonso II (1211-1223) e Sancho II (1223-1248);
2. Estudar o morabitino «B» como hipotético testemunho da produção de moeda de ouro, em Portugal, no reinado de Afonso I (1143-1185);
3. Estabelecer o contraponto das opiniões científicas veiculadas pelos numismatas

dos séculos XIX e XX acerca da sua autenticidade histórica;

4. Considerar as informações tipológicas e metrológicas relativas a esta moeda como elementos passíveis de permitir a crítica de autenticidade;
5. Elaborar um relatório de peritagem científica que permita averiguar se a moeda em causa corresponde a um artefacto autêntico.

Peritagem

1. Contextualização histórica

O morabitino é considerado pela generalidade dos numismatas uma das mais importantes moedas que foram cunhadas, em Portugal, durante a Idade Média. Moeda de ouro de grande prestígio, o morabitino inscreve-se numa tradição de amoeção com uma longa história, cujas origens remontam à época islâmica. Com efeito, o padrão tipológico e metrológico que lhe serve de base – e que ajudou a estabelecer as características pelas quais é facilmente reconhecível por todos quantos se dedicam ao estudo da numária medieval – foi instituído durante a época almorávida².

Os almorávidas eram, na sua origem, uma confederação de tribos berberes que se sucedeu aos fatímidas no governo do Magrebe, tendo florescido sensivelmente entre os anos de 1056 e 1147. O fundador desta confederação, ‘Abd Allāh ibn Yasin, era um especialista em direito islâmico filiado na escola de jurisprudência sunita maliquita, que estabeleceu e difundiu, nos

2. VITAL 1981.

meados do século XI, a necessidade de uma reforma religiosa da comunidade muçulmana baseada no regresso àquilo que se considerava ser a pureza originária da mensagem teológica, profética e doutrinária contida na Revelação e na Tradição islâmicas.

Após a sua morte, a comunidade almorávida ficou sob o comando de uma sucessão de emires que governaram o Magrebe e a Península Ibérica até aos meados do século XII, data em que a capital do emirado, a cidade de Marraquexe, foi conquistada na sequência de um assédio movido pela confederação de tribos berberes que viria a estar na base do movimento almóada. Além de cunharem moedas segundo protótipos anteriores, estes emires destacaram-se também pelo facto de terem promovido o surgimento de um novo espécime em ouro, o *dinār* almorávida, moeda que, pelo facto de ser cunhada pelos representantes desta dinastia, passou a ser conhecida na documentação cristã, em contexto português e castelhano, como *morabítimo* ou *maravedi*.

Entre os finais do século XI e os inícios do século XII, época que coincide com a produção desta moeda, o ouro islâmico, devido ao seu elevado valor e toque, era muitas vezes entesourado pelas comunidades cristãs, sendo também canalizado para o pagamento de tributos quando, nos reinados de Fernando I (1037-1065) e Afonso VI (1065-1109), o reino de Leão impulsionou as ações de reconquista dirigidas para a tomada das cidades e fortificações sob controlo das taifas no centro e sul da Península Ibérica, entre as quais Coimbra e Toledo, conquistadas respetivamente em 1064 e 1085. Foi, aliás, o contacto com esta moeda de ouro de grande prestígio que acabou por levar

ao aparecimento, no condado de Barcelona e no reino de Leão e Castela, das primeiras moedas de ouro lavradas na Península Ibérica sob inspiração islâmica, mas mostrando já símbolos declaradamente cristãos.

Estas moedas tiveram ampla aceitação em várias regiões da Península Ibérica, sendo admissível a hipótese que sugere que as congéneres islâmicas tenham estado em circulação em Portugal numa época em que ainda não se conhecia a amoeção de ouro com símbolos nacionais. Em conjunto com estas, as moedas cristãs supriam necessidades económicas que envolviam o dispêndio de quantias relevantes de dinheiro, como o pagamento de impostos e tributos, o financiamento de campanhas militares e de obras públicas ou até trocas ocorridas no quadro de contactos diplomáticos entre autoridades políticas. Em Portugal, o surgimento de uma moeda de ouro ostentando símbolos alusivos aos reis da Casa de Borgonha ocorreria numa época avançada por comparação com a situação registada em Barcelona ou em Leão e Castela, mas acabaria por representar uma etapa decisiva na evolução da numária nacional durante os séculos iniciais da Idade Média.

Nos inícios do século XII, Portugal, até então um condado do reino de Leão, vivia uma conjuntura caracterizada pela instabilidade política e militar. Vitorioso sobre os exércitos da condessa-rainha Teresa e dos senhores de Trava na batalha de São Mamede, em 1128, Afonso Henriques assumiu o governo do condado e instalou-se em Coimbra em 1131. Foi aí que o infante fundou o mosteiro de Santa Cruz, instituição que viria a desempenhar um papel de grande relevo na formação da chancelaria régia

e na legitimação da autoridade política e simbólica do rei, aclamado como tal pelos seus companheiros de armas no seguimento da vitória alcançada na mítica batalha de Ourique, em 1139. Mas foi sobretudo no contexto das guerras contra o Islão que Afonso I alcançou os seus triunfos militares mais importantes, entre os quais a conquista de Lisboa e Sintra, em 1147. Nessa altura, Afonso I tinha sido reconhecido como monarca pelo seu familiar Afonso VII, rei de Leão e Castela e imperador das Hispânicas. Em 1179, também o papa Alexandre III, através da bula *Manifestis probatum*, viria a reconhecer a independência do reino de Portugal e a soberania da realeza nacional, que dava assim os seus primeiros passos à medida que o território se ia expandindo paulatinamente.

2. O morabitino medieval português

Ao longo das últimas décadas, o morabitino medieval português tem sido estudado por um conjunto de historiadores e numismatas com o objetivo de assegurar a sua integração e compreensão no contexto em que foi originariamente produzido e utilizado³. As investigações levadas a cabo permitiram identificar problemáticas de

índole diversa, que têm ajudado a estudar e a compreender esta moeda como um dos testemunhos associados à emergência do sistema que caracteriza a história da moeda, em Portugal, nos séculos XII e XIII⁴. Esta época é identificada na bibliografia da especialidade como o período da reconquista e é caracterizada pela ocorrência de fenómenos históricos associados à formação do reino de Portugal e à construção da sua legitimidade política, sob o impulso de Afonso I e dos reis que lhe sucederam até, pelo menos, os finais do século XIV, época que coincide com a transição dinástica.

No atual estado dos conhecimentos, é lícito dizer-se que o morabitino medieval português foi produzido durante um período de tempo relativamente limitado, uma vez que o seu lavramento terá ocorrido, de forma intermitente, durante cerca de sessenta anos. Este período coincide com os reinados de Sancho I (1185-1211), Afonso II (1211-1223) e Sancho II (1223-1248), não obstante o facto de subsistir alguma controvérsia quanto à autenticidade de uma moeda análoga, que foi estudada e debatida, já nos finais do século XIX, como hipotético testemunho da amoedação em ouro, em Portugal, nas décadas iniciais do século XII. Embora a análise desta moeda suscite

-
3. Entre outras obras relevantes, vejam-se MARQUES 1959; VAZ 1960; VITAL 1981; MARQUES 1996. Estes trabalhos apresentam uma síntese sobre a história da moeda, em Portugal, durante a Idade Média, ainda que com breves considerações acerca do período que assiste à formação do primeiro sistema monetário no país, associado à emergência da libra. Para se compreender o verdadeiro impacto da introdução do ouro e do surgimento do primeiro espécime amoedado neste metal, cujas origens estão relacionadas com o ouro islâmico, sugerimos, por todos, a leitura de REIS 1940.
 4. Este problema está relacionado com a adoção da libra como padrão para a aferição do valor das moedas circulantes, em Portugal, até à adoção de um novo sistema, representado pelo real, já durante a Dinastia de Avis. As implicações históricas decorrentes desta transição de sistemas foram estudadas detalhadamente por PUNTONI 2019.

reservas, podemos, ainda assim, considerar que o morabitino português mostra um conjunto de características tipológicas facilmente perceptíveis, conforme se pode constatar pela observação dos três exemplares apresentados nas figuras 1 a 3, hoje parte integrante da coleção numismática do Museu Casa da Moeda:



Figura 1 – Morabitino de Sancho I (1185-1211). Ouro; 27mm; 3,66g. Col. INCM/Museu Casa da Moeda 4235 (antiga Col. D. Luís). Fotografia: Manuel Farinha.



Figura 2 – Morabitino de Afonso II (1211-1223). Ouro; 24mm; 3,62g. Col. INCM/Museu Casa da Moeda 4254 (antiga Col. D. Luís). Fotografia: Manuel Farinha.



Figura 3 – Morabitino de Sancho II (1223-1248). Ouro; 23mm; 3,25g. Col. INCM/Museu Casa da Moeda 22945 (antiga Col. Casa da Moeda, Fundo Geral). Fotografia: Manuel Farinha.

De forma geral, constata-se pela observação destes três exemplares que o morabitino apresenta iconografia esquemática. A iconografia não é utilizada para representar uma pessoa em particular, que é, neste caso, identificada com o rei, mas para transmitir uma imagem arquetípica de poder, prestígio e autoridade, simbolizada pela figura do monarca, que se apresenta como um guerreiro cujo poder radica em Deus e na Providência Divina. O anverso contém a representação do brasão de armas do reino de Portugal, formado por cinco escudetes postos em cruz e carregados com quatro besantes em aspa. Nos morabitinos apresentados, o de Sancho I contém uma representação do escudo cantonada exclusivamente por quatro estrelas de sete pontas, enquanto os de Afonso II e Sancho II apresentam o mesmo motivo cantonado por uma cruz no primeiro quadrante e três estrelas de sete pontas nos restantes três quadrantes. O reverso, por sua vez, contém a imagem do rei montado num cavalo a galope, de coroa na cabeça e rosto coberto por barba, a empunhar uma espada de lâmina longa, enquanto desfere uma investida contra o inimigo.

À semelhança dos tipos, que apresentam variações ao longo dos três reinados, também os letrados denotam diferenças que importa destacar para efeitos de caracterização das moedas. Se o anverso do morabitino de Sancho I contém uma fórmula em latim alusiva à Santíssima Trindade («Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ámen»), já os de Afonso II e Sancho II se caracterizam pelo facto de substituírem esta fórmula por uma expressão autorreferencial, através da qual a moeda se

designa a si própria como moeda do senhor rei («Moeda do senhor Afonso, rei dos portugueses» e «Moeda do senhor Sancho, rei dos portugueses»). Outra diferença notória entre estas moedas é a que se relaciona com a fórmula escolhida para expressar o título régio: de facto, Sancho I é intitulado «rei de Portugal», enquanto Afonso II e Sancho II são intitulados «rei dos portugueses». Esta variação é característica de uma época em que a monarquia ainda não está consolidada sob o ponto de vista político e institucional, razão pela qual o título régio conhece derivações significativas.

3. O morabitino «B»: parâmetros de análise



Morabitino

Atribuído a Afonso I (1143-1185) (?)

Ouro; 25mm; 3,31g

Col. INCM/Museu Casa da Moeda 12637

Fotografia: Datadecimal

a. Tipos

A moeda em causa evidencia ter sido cunhada de acordo com técnica cuidada, estando o respetivo lereiro gravado em punções triangulares e alguns caracteres a

cinzel. A comprovar-se a sua veracidade, esta moeda apresenta tipologia que seria reproduzida nos morabitanos cunhados durante os reinados de Sancho I, Afonso II e Sancho II, época em que a sua produção terá sido interrompida, não obstante o facto de se verificar uma tendência para a estilização dos motivos iconográficos patentes em ambas as faces. Esta constatação relaciona-se com a configuração da imagem equestre, que parece reduzir-se a uma representação mais esquemática à medida que são cunhados novos espécimes. Este facto sugere a utilização de cunhos diferentes, o que se compreende tendo em conta que, na época medieval, a transição de reinados implicava, por norma, a substituição das ferramentas utilizadas em contexto de lavramento monetário. Ainda assim, as semelhanças tipológicas nos morabitanos atribuíveis aos reinados em causa parece indiciar uma solução de continuidade iconográfica também explicável pelo facto de se tratar de uma mesma denominação monetária.

i. Anverso

O campo é delimitado por orla circular e ocupado pela representação do escudo correspondente ao brasão de armas do reino de Portugal. O escudo é constituído por um conjunto de cinco escudetes postos em cruz, carregados com quatro besantes em aspa. Os escudetes são cantonados, no primeiro, segundo e terceiro quadrantes, por uma estrela de sete pontas, e, no quarto quadrante, pela letra monetária B, interpretável como letra inicial do topónimo B(*racara*), alusivo à cidade de Braga. Os três escudetes que formam o braço vertical

da cruz apresentam vértice convergente com a metade inferior da moeda. Os dois escudetes que formam o braço horizontal da cruz apresentam vértice convergente com o centro do campo.

ii. Reverso

O campo é delimitado por orla circular e ocupado pela representação equestre do rei Afonso I, segundo a tradição iconográfica do apóstolo Santiago, «o Mata-Mouros». O rei surge representado de forma esquemática, à direita, com corpo revestido por armadura, coroa na cabeça, rosto coberto por barba longa e braço direito levantado, a segurar uma espada de lâmina longa, montado num cavalo aparelhado para a guerra, sugerindo corrida a galope e posição de investida contra o inimigo em campo de batalha. A representação equestre sobre põe-se parcialmente à orla e quebra a respetiva moldura, a ponto de a espada cortar a última letra da última palavra do letreiro.

b. Letreiros

i. Transcrição

Anverso

· MONETA · DOMINI · I · AFNSI

Reverso

+ REGIS PORTVGALENSIVM

ii. Tradução

«Moeda do Senhor Afonso I / Rei dos Portugueses»

iii. Interpretação

Hipótese 1: variante onomástica
AFONSVS

· MONETA · DOMINI · I (*primi*)⁵ · AF(o)
NSI / + (*crux*) REGIS PORTVGALENSIVM

Classificação gramatical

MONETA: nominativo singular feminino do nome *moneta*, -ae;

DOMINI: genitivo singular masculino do nome *dominus*, -i;

I (*primi*): genitivo singular masculino do adjetivo *primus*, -a, -um;

AF(o)NSI: genitivo singular masculino do nome *Afonsus*, -i;

REGIS: genitivo singular masculino do nome *rex*, -gis;

PORTVGALENSIVM: genitivo plural masculino do adjetivo *portugalensis*, -e.

Hipótese 2: variante onomástica
ALFONSVS

5. A colocação do numeral em posição anteposta ao nome que lhe serve de referente é incomum. Além disso, a existência do numeral, numa época em que reinava um único rei com este nome, adensa as dúvidas levantadas, de resto agravadas pela ausência de paralelos nos letreiros da única denominação que se pensa ter sido produzida durante este reinado: o dinheiro. Outra hipótese avançada na bibliografia da especialidade para explicar a ocorrência desta letra seria a sua identificação com a palavra *infans*, que teria sido utilizada como epíteto político por Afonso I em dado momento da sua vida, precedendo a sua aclamação como rei.

· MONETA · DOMINI · I (*primi*)⁶ · A(l)F(o)
NSI / + (*crux*) REGIS PORTVGALENSIVM

Classificação gramatical

(...)

A(l)F(o)NSI: genitivo singular masculino do nome *Alfonsus*, -i;

(...)

Hipótese 3: variante onomástica
ADEFONSVS

· MONETA · DOMINI · I (*primi*)⁷ · A(*de*)
F(o)NSI / + (*crux*) REGIS PORTVGALENSIVM

Classificação gramatical

(...)

A(*de*)F(o)NSI: genitivo singular masculino do nome *Adefonsus*, -i;

(...)

iv. Comentário

O letreiro é de carácter autorreferencial, uma vez que o signo em causa (moeda) é identificado pelo respetivo significante (*moneta*, -ae). O letreiro de anverso é complementado pelo letreiro de reverso, formando um enunciado único, com leitura sequencial. As palavras que compõem o enunciado surgem escritas por extenso, sendo exceção o nome AFNSI. Este nome ocorre segundo um processo de supressão grafemática da vogal O e, hipoteticamente,

da consoante L (*Alfonsus*) ou do grupo consonântico-vocálico DE (*Adefonsus*), se considerarmos a probabilidade de o nome estar grafado de forma abreviada. Esta hipótese é explicável tendo em conta a exiguidade do espaço disponível na face da moeda. No entanto, não constitui um fenómeno isolado na amoedação medieval, uma vez que subsistem outras moedas, como os dinheiros de Afonso I, que utilizam este recurso, com variações na seleção das letras ou sequências de letras suprimidas.

Sob o ponto de vista linguístico, podemos constatar que o letreiro da moeda não apresenta divergências relativamente à gramática que seria expetável num texto escrito, em latim, nos inícios do século XII, inclusive se tivermos em consideração as moedas que teriam corrido a par do morabitino na época em causa, como é o caso do dinheiro. Além disso, o letreiro corresponde a uma fórmula que se repete noutras moedas análogas, ainda que datáveis de épocas posteriores à que esta moeda se reporta, e é constituído por nomes e adjetivos declinados em dois casos: o nominativo, que identifica a função sintática de sujeito da oração simples, e o genitivo, que identifica a função sintática de complemento determinativo do sujeito da oração simples.

Saliente-se que, além dos tipos descritos, a comparação dos letreiros patentes nas quatro moedas denota a ocorrência de um facto para o qual os especialistas não têm chamado a atenção. Referimo-nos à alteração no conteúdo do enunciado que

6. Cf. nota *supra*.

7. Cf. nota *supra*.

surge representado nos letreiros dos morabitanos de Afonso I (?), Sancho I, Afonso II e Sancho II. Conforme se constata pela observação do primeiro destes exemplares, o letreiro apresenta as características autorreferenciais a que aludimos há pouco e que voltariam a estar representadas nos espécimes cunhados pelos dois últimos reis. Esta observação parece indicar a ocorrência de um letreiro que teria sido utilizado alegadamente na terceira década do século XII, substituído na década de oitenta do mesmo século e retomado na segunda década do século XIII. Se quisermos analisar esta incongruência sob outro ponto de vista, o que se constata é que o letreiro patente no reinado de Sancho I não corresponde ao que teria sido utilizado no de Afonso I, salvaguardadas as alterações necessárias, como a mudança do nome do rei. Em nosso entender, este facto permite que se levantem suspeitas quanto ao letreiro representado no morabitano deste último, que parece utilizar uma fórmula que só se introduziria na cunhagem desta denominação monetária cerca de um século depois da data a que o morabitano «B» supostamente se reportaria (*post* 1128).

4. Atribuição histórica

Atribuído à oficina monetária de Braga por A. C. Teixeira de Aragão, em obra

publicada pela primeira vez em 1874, o morabitano corresponderia, na opinião deste numismata, à primeira moeda de ouro a ser cunhada em território português logo após a independência do reino nos inícios do século XII, uma vez que seria datável, segundo informações extraídas do respetivo letreiro, do reinado de Afonso I. Não obstante esta afirmação, a atribuição do morabitano a esta época suscitou desde cedo alguma polémica, na medida em que a opinião de A. C. Teixeira de Aragão foi contestada, nas décadas seguintes à publicação da obra, por outros numismatas portugueses. Assim que surgiu a controvérsia, as polémicas levantadas pelos especialistas na matéria giraram em torno de duas questões relevantes, ambas relacionadas com o contexto em que a moeda teria sido produzida: a atribuição do morabitano à oficina de Braga, por um lado, e a sua atribuição ao reinado de Afonso I, por outro⁸.

Há, de facto, notícias anteriores a esta obra que parecem apontar no sentido de terem existido moedas de ouro em Portugal em épocas próximas da deste espécime. Entre estas, destacam-se as afirmações de António Caetano de Sousa num dos discursos publicados em 1738, tanto no tocante à numismática, como no tocante à sigilografia. Ao apresentar os espécimes conhecidos, pertencendo alguns à sua coleção pessoal e outros à coleção do Marquês de Abrantes,

8. Há bibliografia abundante sobre o morabitano «B», sendo um dos artigos mais recentes da autoria de BAPTISTA 2010. Este artigo propõe uma análise focada na história da crítica de autenticidade desta moeda, analisando o contributo dos vários numismatas que se dedicaram ao seu estudo, entre os finais do século XIX e os meados do século XX. As reflexões que apresentamos nesta alínea baseiam-se, em parte, na leitura deste artigo, não obstante o facto de terem sido corrigidas ou atualizadas algumas informações decorrentes da análise da bibliografia especializada.

António Caetano de Sousa referiu-se à existência de moedas de ouro conhecidas pela denominação de «maravedins», nome que teria resultado da adaptação do vocábulo espanhol «maravedi», e que teriam sido associadas por Pedro Mariz, presbítero, bacharel em Cânones e impressor da Universidade de Coimbra no século XVI, ao preço do marco de ouro e prata que servia de padrão para a aferição do valor das moedas correntes em Portugal nos alvares da Idade Média. Segundo se pôde apurar, Sancho I, filho de Afonso I, teria sido o primeiro monarca a ordenar o lavramento de uma moeda de ouro conhecida pela designação de «morabítimo», sendo o seu valor estabelecido na razão de sessenta unidades para cada marco de ouro.

Apesar disso, foi Manuel Severim de Faria, chantre da Sé de Évora, quem, em 1655, apresentou a primeira gravura atualmente conhecida do morabítimo, a qual viria a ser publicada na obra intitulada *Notícias de Portugal* e nela identificada como «dobra d'el-rei D. Sancho I». Ao contrário das informações patentes na obra do predecessor, este historiador procurou efetuar a atribuição do espécime ao reinado do filho do Fundador, estabelecendo uma correlação não só com várias outras moedas que teriam circulado em Portugal durante a Idade Média, mas também com outras que teriam sido lavradas antes da independência do reino nos meados do século XII. Além de nos facultar informações sobre a ocorrência de achados no sul do país, a obra teve também o mérito de estabelecer as bases para a identificação de um primeiro sistema monetário fundado na tentativa de correlação dos espécimes

circulantes numa mesma época.

Cerca de um século mais tarde, em 1762, já João Bautista de Castro, na obra intitulada *Mapa de Portugal, antigo e moderno*, se teria referido ao morabítimo como a moeda que teria sido introduzida na Península Ibérica durante o período islâmico, nomeadamente durante a época almorávida. Ao fazê-lo, efetuou a leitura dos letreiros da moeda, identificando a sua relação direta com fórmulas alusivas à unicidade de Deus e à ação política e religiosa do Príncipe dos Crentes. Algumas décadas depois, Manuel Bernardo Lopes Fernandes também teceria considerações acerca do morabítimo, identificando-o como «áureo» ou «soldo» e atribuindo-o ao reinado de Sancho I. Além de salientar as diferenças relativas à moeda de ouro portuguesa, procurou apoiar a sua reflexão na transcrição de excertos documentais que comprovassem a existência desta moeda no país já na década de 80 do século XII, coincidindo, assim, com o reinado daquele monarca.

Pese embora este facto, foi A. C. Teixeira de Aragão quem, em 1874, estabeleceu as bases para a controvérsia que viria a alimentar os meios académicos ligados à investigação numismática. O numismata incluiu na sua obra uma estampa em que apresentava o desenho de ambas as faces do morabítimo «B», procedendo não só à sua atribuição ao reinado de Afonso I, mas também à análise dos tipos e letreiros que surgiam em ambas as faces. Segundo afirma, a moeda, ainda que com cerceio aparente, pesaria 74 grãos de 23 quilates e integraria a coleção de Eduardo do Carmo, tendo o desenho sido elaborado e fornecido por Pedro Augusto Dias. A afirmação mais polémica seria

feita na passagem em que, reconhecendo a incorreção das tentativas de atribuição da primeira moeda de ouro lavrada em território português, que associou a cunhagens da época de Afonso IX de Castela, procurou associar o morabitino «B» ao reinado do Fundador. Além disso, atribuiu a produção desta moeda a Braga, alegando o facto de já neste reinado ter sido atribuído à Sé o direito de cunhar moeda para obviar às despesas inerentes à construção do edifício, facto que teria ocorrido em 1128, data próxima da batalha de São Mamede.

Apesar desta atribuição, havia já nesta época notícias que circulavam e que falavam da existência de uma moeda que teria sido comprada expressamente como falsa nos mercados numismáticos. Esta informação viria acompanhada pela constatação de que o respetivo falsário teria inutilizado os cunhos associados à produção da moeda de forma a evitar que fossem lavrados novos espécimes. Ainda assim, este facto não teria impedido a produção de pelo menos três exemplares declaradamente falsos, os quais, não obstante, teriam sido lançados no mercado como se fossem objetos autênticos. Os problemas que se levantavam nesta época estavam relacionados com o facto de, por um lado, a crítica histórica não ter estabelecido de forma cabal, através da análise da documentação medieval, a inexistência de morabitanos atribuíveis ao reinado de Afonso I; e, por outro, a tecnologia disponível não permitir a realização de análises cuidadas ao metal que pudessem despistar dúvidas relacionadas com a sua composição e, conseqüentemente, a sua comparação com os morabitanos posteriores.

José Ferreira Braga, por exemplo, num trabalho publicado em 1917 relativo às moedas que teriam sido produzidas durante a Primeira Dinastia, alude à problemática relativa ao morabitino «B» com o objetivo de apontar algumas questões relacionadas com a hipótese de terem circulado contrafações de moedas identificadas por A. C. Teixeira de Aragão. Contrariando a opinião do numismata, afirmaria que apenas se conheciam moedas de ouro em território português a partir do reinado de Sancho I, o que poria em causa a hipótese avançada décadas antes e que fazia remontar a Afonso I o surgimento deste tipo de espécimes monetários. Para corroborar a sua afirmação, avançou uma série de argumentos relacionados não apenas com a tipologia, mas também com a metrologia da peça que simbolizava a polémica.

Entre outros aspetos, o que o debate académico constatava era o carácter inusitado do letreiro. Os numismatas da primeira metade do século XX tinham verificado que nenhum monarca da Primeira Dinastia teria ordenado o lavramento de moedas contendo um numeral associável à sequência dos soberanos portugueses. Esse facto seria ainda menos admissível durante o reinado de Afonso I, tendo em vista tratar-se do primeiro rei e do primeiro monarca a ostentar o nome que só mais tarde viria a ser adotado por outros. Não havia, portanto, confusão possível na onomástica régia suscetível de exigir a presença de letras monetárias que dissipassem as dúvidas relacionadas com a atribuição da moeda. O próprio A. C. Teixeira de Aragão, o responsável pelo lançamento da polémica, manifestaria consciência de que apenas com os

cruzados de Afonso V, lavrados já nos finais do século XV, um monarca português viria a ordenar a produção de moeda ostentando o número, tendo em vista distingui-la da dos seus antecessores.

Outra questão levantada foi a interpretação da letra monetária «B», que surgia gravada numa das faces do morabitino. À semelhança do argumento anterior, o que o debate acabou por demonstrar foi que a ocorrência desta letra deveria ser associada a uma tentativa fraudulenta de autenticar a proveniência da moeda, não obstante o facto de se saber que só a partir do reinado de Fernando I é que a moeda portuguesa ostentaria letras alusivas a oficinas monetárias. A ocorrência de uma letra que teria sido interpretada como alusiva à oficina de Braga durante o reinado de Afonso I corresponderia, portanto, a um anacronismo difícil de se explicar sob o ponto de vista histórico e numismático, o que adensaria as suspeitas relativas à autenticidade desta moeda e às hipóteses de atribuição que tinham sido avançadas desde a década de setenta do século XIX.

A terceira questão que esteve em discussão nesta época foi a relacionada com os motivos patentes numa das faces do morabitino. Se a imagem do rei como um guerreiro da reconquista não levantava problemas, a verdade é que o brasão de armas do reino suscitava dúvidas relacionadas com a comparação com os selos da época de Afonso I. Um dos argumentos aduzidos foi o facto de os escudetes não apresentarem configuração semelhante à dos que surgiam na tradição esfragística, o que permitiria, pelo menos num plano hipotético, adensar as dúvidas relacionadas

com a veracidade da iconografia da moeda e, conseqüentemente, a autenticidade do espécime. Também a utilização do epíteto régio numa moeda que, segundo diziam, teria sido produzida por volta de 1128, data em que é reconhecido a Braga o direito de cunhar moeda, corresponderia a um evidente anacronismo, na medida em que o rei de Portugal apenas teria sido aclamado como tal após a batalha de Ourique, travada em 1139. O mesmo poderia ser dito quanto ao facto de se associar o etnónimo ao título utilizado por este monarca: segundo se pôde apurar, a expressão patente na moeda só teria começado a ser utilizada no país a partir do reinado de Sancho I, o que permitiria adensar a crítica quanto à sua provável falsidade.

Na prática, à medida que o debate se foi desenvolvendo, começou a tornar-se evidente que o morabitino «B» apresentava uma série de incongruências tipológicas que não permitiam aos numismatas esclarecer, de forma cabal, o problema da atribuição histórica. Estas incongruências diziam respeito não só aos tipos, mas também aos letrados patentes na moeda, que apresentavam, em ambos os casos, características que só viriam a surgir de forma inequívoca na numária portuguesa a partir dos finais do século XII, ou seja, numa época em que Afonso I tinha já falecido e quem governava o reino era o seu filho, Sancho I. Estas constatações agravavam-se ainda mais quando se sabia que coubera a este último rei, segundo informações patentes na documentação, o lavramento das primeiras moedas de ouro com símbolos portugueses em território nacional, entre elas o brasão de armas do reino.

Neste sentido, a tentativa de atribuição do morabitino «B» ao reinado do Fundador foi posta em causa e a autenticidade da moeda questionada por todos quantos a estudavam.

Além disso, eram conhecidos outros argumentos mais de caráter histórico que permitiam pôr em causa a atribuição tradicional. Decorriam daqui as interpretações segundo as quais se poderia atribuir a Coimbra, e não, como se pensava, a Braga, a produção das mais antigas moedas portuguesas. De facto, sabia-se que nesta cidade tinham tido assento moedeiros e oficiais responsáveis pelo lavramento da moeda desde o reinado de Afonso I, o que não constituía propriamente um aspeto inusitado tendo em conta o facto de este monarca se ter estabelecido na cidade em 1131, data em que Coimbra passou a ser a capital de Portugal e nela foi instituído o mosteiro de Santa Cruz, sede da chancelaria e também, no futuro não muito distante, panteão dinástico. Apesar de se conhecer o documento que referia a atribuição do direito de cunhagem a Braga, a verdade é que não se sabia da existência de moedas que pudessem, de forma clara, ser atribuídas a essa oficina, ao contrário do que se pensava ocorrer com Coimbra.

As moedas que viriam a ser cunhadas nesta última cidade corresponderiam, portanto, aos dinheiros de bolhão lavrados no reinado de Afonso I e adaptados pelos monarcas que lhe sucederam no trono até finais do século XIV, época que teria coincido com a extinção da denominação e

a sua substituição por outros espécimes. A partir de Sancho I, Coimbra ter-se-ia especializado no fabrico da moeda de ouro que viria a ser designada na documentação como «morabitino», diferenciando-se dos morabitos referidos em épocas anteriores e que correspondiam não a moedas portuguesas, mas sim a moedas islâmicas ou castelhanas. No fundo, se tivessem sido cunhadas moedas em Braga, a hipótese mais provável é que fossem apenas dinheiros e que estes tivessem sido lavrados em 1128, como o atesta a referência documental. O morabitino, pelo contrário, não poderia ter sido lavrado neste ano uma vez que Afonso I não tinha sido aclamado rei, facto que só viria a acontecer em 1139. Se juntarmos a isto o facto de o título utilizar uma fórmula que só se divulgaria a partir da década de 80 do século XII, parecem, portanto, confirmadas as hipóteses segundo as quais a moeda poderá ser considerada falsa.

5. Proposta de avaliação

No catálogo da autoria de Alberto Gomes⁹, que apresenta estimativas de valor para os vários estados de conservação das moedas cunhadas em Portugal durante a Idade Média, o morabitino «B» surge associado ao reinado de Afonso I, não obstante a controvérsia explicitada nas alíneas anteriores deste trabalho. Aqui, o morabitino é identificado como uma moeda com o valor de 180 dinheiros, cunhada em Au 953. É mencionado o facto de se conhecerem três exemplares, dois dos quais declaradamente

9. GOMES 2021: 74, ref.^a 08.01.

falsos por serem feitos com ouro não existente à época em que teriam sido produzidos. Embora se proceda à transcrição do lereiro nas duas faces da moeda, nada é avançado quanto ao valor que a moeda poderia ter para efeitos de avaliação de mercado. Com preços variáveis de acordo com o estado de conservação, os morabitanos de Sancho I são, no entanto, avaliados em 13.000-16.000€¹⁰. Os de Afonso II e Sancho II não são acompanhados por estimativas de valor¹¹.

No mais recente leilão de moedas decorrido em Portugal, organizado pelo Palácio do Correio Velho a partir da Coleção José Ricardo Marques da Costa, em 2022, foi posto em hasta pública um exemplar de um morabitino de Sancho I cuja base de licitação se situou em 5.500€¹², valor que representa uma quantia inferior à que é geralmente considerada em leilões que integram este tipo de moedas, mas que, segundo informações que pudemos apurar, terá aumentado através da licitação dos interessados na sua aquisição. Como é evidente, o valor considerado tem em conta o facto de os morabitanos atribuíveis a este reinado, ao contrário do que se verifica com os de Afonso II e Sancho II, serem

relativamente abundantes no mercado numismático, o que faz decrescer o seu valor por comparação com outras peças análogas, assim que a moeda é posta à venda.

O Museu Casa da Moeda, instituição que tem à sua guarda um dos três exemplares de morabitanos «B», conserva no seu acervo uma ficha de papel relativa a esta moeda, elaborada por Damião Peres, historiador, numismata e conservador do Museu Numismático Português nas décadas de 30 a 70 do século XX¹³. Segundo informações constantes dos registos de inventário desta instituição museológica, a moeda terá sido adquirida por compra, tendo o seu valor sido estimado pela Leiloeira Numisma, em avaliação à coleção decorrida entre 2009 e 2014, em 1.000€. Na base de dados, a moeda está identificada como «falsa», sendo esta identificação corroborada por estudos realizados por especialistas externos à instituição, conforme se verificou anteriormente. Não obstante, a moeda conserva interesse como testemunho da prática de falsificação de moedas, em Portugal, durante o século XIX, associada à tentativa de atribuição a Afonso I de uma denominação monetária inexistente até ao reinado de Sancho I.

10. GOMES 2021: 75, ref.^a 04.01-05.01.

11. GOMES 2021: 76, ref.^a 04.01-04.04 e 80, ref.^a 26.01. O morabitino de Sancho II é considerado único.

12. PCV 2022: 14-15, n.º 021.

13. O mais completo catálogo da numária portuguesa integrada nesta coleção museológica é da autoria de AMARAL 1977-1990. Este catálogo contém fichas detalhadas de quase todas as moedas que integram o acervo, tendo sido elaborado em data anterior a algumas incorporações. Não obstante, mantêm-se como uma das obras de referência para efeitos de catalogação da coleção que reúne dois núcleos principais: a Coleção D. Luís, reunida pelo representante da Coroa de Portugal e da Casa de Bragança no Gabinete Numismático do Palácio da Ajuda, nos finais do século XIX; e a Coleção Casa da Moeda, organizada pela instituição na sequência da publicação, por iniciativa de Marquês de Pombal, do Aviso de 25 de janeiro de 1777, pelo qual se cria um cofre nas instalações da rua de São Paulo, destinado a formar a primeira coleção numismática e medalhística de utilidade pública em Portugal.

Conclusão

De acordo com a argumentação apresentada ao longo deste estudo, conclui-se que o morabitino «B», identificado por A. C. Teixeira de Aragão, em 1874, como moeda atribuível ao reinado de Afonso I e à oficina de Braga, corresponde, na verdade, a uma peça falsa, produzida talvez na segunda metade do século XIX. A análise efetuada a este artefacto permitiu chegar à conclusão de que existem vários tipos de evidências que apontam nesse sentido: tipológica, metrológica, histórica, museológica e bibliográfica. Estas evidências foram já apontadas por vários estudiosos ao longo do século XX, não obstante o facto de a moeda ainda ser incluída na secção relativa ao reinado de Afonso I no catálogo da autoria de Alberto Gomes, um dos instrumentos de trabalho mais comumente utilizados pelos numismatas portugueses.

A análise que procurámos levar a cabo permitiu-nos verificar que existe uma série de incongruências na forma como a informação é apresentada nas superfícies da moeda, indiciando a ocorrência de anacronismos difíceis de se explicar, em termos históricos e numismáticos, tendo em conta a época a que a moeda alegadamente se reporta. Estas incongruências são detetáveis numa perspetiva interdisciplinar, que tem em conta não apenas a análise da moeda, mas também da documentação produzida em Portugal nos finais do século XII, que não integra referências a esta moeda em data anterior à década de 80. Na prática, podemos dizer que esta não só não corrobora a existência de morabitanos portugueses em época anterior ao reinado de Sancho

I, sendo as moedas com essa designação que ali surgem identificáveis como peças islâmicas ou castelhanas, como também aponta no sentido de que foi apenas a partir deste reinado que o ouro começou a ser amoedado já com os símbolos nacionais.

Há, por conseguinte, critérios internos e externos que nos permitem efetuar a crítica de autenticidade da peça e concluir que esta corresponde a um falso coevo da época em que terá sido referida na bibliografia da especialidade pela primeira vez. Os critérios internos são os que dizem respeito à moeda propriamente dita e estão relacionados com as suas características tipológicas e metrológicas, entre as quais as decorrentes da análise detalhada dos respetivos tipos e letreiros. Os critérios externos, por sua vez, são os que dizem respeito aos parâmetros que marcam a história da produção e transmissão da peça ao longo dos séculos, associados, a título de exemplo, aos documentos que atestam a existência de moedas análogas a partir da década de 80 do século XII ou aos estudos que têm vindo a ser realizados pelos especialistas em numismática, de que resultou a polémica relativa à sua atribuição ao reinado e oficina em causa.

Neste sentido, apesar de não se poder corroborar a hipótese segundo a qual esta moeda teria sido cunhada em Braga em 1128, como foi sugerido nalguns trabalhos, é evidente que esta moeda se deve considerar um importante testemunho da produção de espécimes falsos no Portugal do século XIX, época conhecida pela proliferação de falsários. Conforme se verificou, o seu estudo permite apurar uma intencionalidade subjacente à falsificação relacionada com

a tentativa de identificação de uma moeda até então totalmente ignorada do público português e europeu, o que, a corroborar-se a proposta avançada por A. C. Teixeira de Aragão, poderia ter redundado na identificação de uma das mais importantes moedas da numária medieval portuguesa, pela sua especial raridade e singularidade.

Bibliografia

Amaral, C. M. Almeida do (1977-1990). *Catálogo descritivo das moedas portuguesas*. Museu Numismático Português. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Aragão, A. C. Teixeira de (1867). *Exposition universelle de 1867 à Paris. Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail*. Paris: Imprimerie Administrative de Paul Dupont.

____ (1874-1880). *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Baptista, L. (2010). Morabitanos com letra monetária B, e não só. *Omni* 2 (12), 52-65.

Gomes, A. (2021). *Moedas portuguesas e do território que hoje é Portugal*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal.

Marques, A. H. de Oliveira (1959). A moeda portuguesa durante a Idade Média. *Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto* 22, 5-35.

Marques, M. Gomes (1996). *História da moeda medieval portuguesa*. Sintra: Instituto de Sintra.

Palácio do Correio Velho (ED.) (2022). *Colecção de moedas José Ricardo Marques da Costa*. Lisboa: PCV.

Puntoni, P. (2019). Da libra ao real. Sobre a formação do sistema monetário português (1185-1580). *Revista de história* 179, 1-38.

Reis, P. Batalha (1940). *Morabitanos portugueses. Estudos de Numismática medieval*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

Vaz, J. Ferraro (1960). *Numária medieval portuguesa, 1128-1383*. Lisboa.

Vital, N. Faria (1981). Hipótese acerca das origens do morabitano português. *Revista numismática* 23, 3-7.

A REPRESENTAÇÃO DE MOEDAS EM PINTURAS DOS SÉCULOS XVI E XVII

BEATRIZ
ABRANTES

mariabeatrizabrantess@gmail.com

RESUMO: Apresenta-se neste artigo um novo ângulo de visão sobre a numismática que pretende analisar e identificar a representação de moedas em pinturas dos séculos XVI e XVII, considerando as categorias/temáticas da pintura dessa época em que as moedas têm mais tendência a aparecer, seja do ponto de vista narrativo ou alegórico.

PALAVRAS-CHAVE: Pintura (séculos XVI e XVII) – Representações – Moedas – Ouro – Prata.

ABSTRACT: In this article, one presents a new perspective on numismatics that aims to analyse and identify coins represented in 16th and 17th centuries' paintings, taking into account the categories/thematics in which coins have the highest tendency to be featured, either from a narrative or an allegoric point of view.

KEYWORDS: Painting (16th and 17th centuries) – Representations – Coins – Gold – Silver.

Introdução

Desde sempre a pintura tem sido utilizada como reflexo da sociedade e da ideologia da época retratada na obra, procurando, de acordo com a temática, representar ambientes, gostos e estilos. Por esse motivo, é muitas vezes utilizada como auxiliar na datação e identificação de outras áreas da “arte”, como a cerâmica, o mobiliário, a tapeçaria, a ourivesaria e a joalheria¹. Assim, propomo-nos fazer uma investigação, já feita nas áreas anteriormente citadas, aplicando-a à numismática, trabalho este que consideramos estar pouco explorado².

Com isto, propomo-nos apresentar um novo ângulo de visão sobre a numismática ao analisar a representação de moedas em pinturas. Para a realização do estudo em apreço, elaboramos um levantamento das temáticas ou narrativas em que existe maior incidência de representação de moedas, dando ênfase aos séculos XVI e XVII, em Portugal e noutros países europeus, como a Itália, a Espanha e os Países Baixos, época e locais em que foi possível encontrar um maior número de exemplares. Procuraremos, sempre que possível, avançar algumas hipóteses para a identificação das moedas representadas nessas mesmas obras.

Damos destaque à obra, que se insere na temática de «naturezas mortas», adquirida pelo Museu Nacional de Arte Antiga e intitulada *Mês de Abril*, de Baltazar Gomes Figueira e Josefa de Óbidos, que faria parte daquilo que se supunha ser uma coleção

de doze painéis. Decidimos dar destaque a esta obra por ter a maior variedade de moedas, materiais e reinados.

Para a identificação das moedas nas obras, foram utilizados os seguintes critérios:

1. Datação e localização;
2. Material;
3. Legenda das moedas, sempre que possível;
4. Percurso dos artistas, na sua relação com a história numismática.

Representação de moedas em pinturas

Os séculos XVI e XVII, à semelhança dos anteriores, foram marcados pela representação de narrativas religiosas e iconografia cristã, nomeadamente cenas da *Vida de Cristo*. Sendo assim, é possível identificar várias obras associadas a este ciclo pictórico em que surgem representadas moedas.

Começemos por analisar a cena da *Adoração dos Reis Magos*, narrativa em que é bastante comum encontrarem-se moedas como forma de representar a oferta do Rei Mago Belchior: o ouro. Para tal, utilizaremos três exemplos.

O primeiro e o segundo exemplos são obras portuguesas expostas no Museu Nacional de Arte Antiga, possivelmente parcerias entre Gregório Lopes e Jorge Leal. Apenas no primeiro exemplo é possível identificar as moedas representadas, associáveis a dois reinados diferentes: D. Manuel I e D. João III.

1. SOUSA 2009.

2. À exceção da identificação das moedas representadas na conhecida obra *O cambista e a sua mulher*, de Quentin Matsys.



Moeda 1 – Tostão de ouro, D. Manuel I (1495-1521). Portugal, ouro. ©Numista. ©INCM.



Moeda 2 – Cruzado, D. João III (1521-1557). Portugal, ouro. ©Numista. ©INCM.



Figura 1 – *Adoração dos Reis Magos*, 1520-1525, Mestres do Retábulo de São Bento (Gregório Lopes e Jorge Leal) (século XVI). Óleo sobre madeira, 176,5 x 133cm. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 5 Pint.). ©MatrixNet.

Figura 2 – *Adoração dos Reis Magos*, Retábulo do Convento do Paraíso, 1527, Gregório Lopes e Jorge Leal (?) (século XVI). Óleo sobre madeira, 128 x 86,5cm. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 8-15,52,53 Pint.). ©MatrixNet.

O terceiro exemplo levanta outro tipo de questões, visto não haver muita informação em relação ao pintor, identificado apenas como Maestro del Santo Sangue. Trata-se da obra *A Adoração dos Magos*, de cerca de 1515-1520, que contém a representação de um florim de Carlos V³.

Mantendo a investigação no âmbito das cenas da *Vida de Cristo*, foi possível encontrar uma obra de mestre desconhecido que representa a *Circuncisão de Jesus*. Neste tipo de representações não é comum aparecerem moedas, até porque este pormenor parece não acrescentar elementos relevantes à narrativa contada, ainda que tal facto se verifique em pelo menos um exemplar exposto no Museu Nacional de Arte Antiga.

Observando a obra, é possível ver duas moedas, não identificáveis, por baixo das Sagradas Escrituras, seguradas por duas figuras, possivelmente como forma de identificar de modo caricatural as personalidades como judaicas, numa época marcada por um preconceito antissemitico e iconografia antijudaica em Portugal⁴.



Figura 3 – *A Circuncisão*, 1530-1550, Mestre desconhecido. Óleo sobre madeira, 213,5 x 169cm. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 181 Pint.). ©MatrixNet.

A obra *Apresentação do Menino no Templo*, de Garcia Fernandes, é uma obra que também se insere nas cenas da *Vida de Cristo*. Porém, a representação das moedas aparece não no contexto de uma narrativa religiosa, mas sim de uma natureza morta, «um dos mais espantosos conjuntos de natureza-morta que a pintura portuguesa concebeu», no dizer de Joaquim Caetano⁵.

3. *A Adoração dos Magos*, c. 1515-1520, Maestro del Santo Sangue (século XVI). Óleo sobre tela, painel central: 98 x 71cm; painel lateral: 97 x 32cm. Pinacoteca Ambrosiana, Milão (Inv. 47). ©Coleção Ambrosiana.
4. URBANO 2006.
5. PEREIRA 2011: 488.



Figura 4 – *Apresentação do Menino no Templo*, 1538, Garcia Fernandes (1514-1565). Óleo sobre madeira, 140 x 95,5cm. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 1068 Pint.). ©MatrixNet. ©DGPC.

Nesta obra é possível identificar várias moedas que já apareceram noutras obras portuguesas, tais como cruzados e tostões do reinado de D. Manuel I e D. João III. Por aparecerem também moedas que não foi

possível identificar, levanta-se a questão se os mesmos não representariam moedas inventadas ou cópias de gravuras que adaptavam. Tal é visível na imagem que representa um busto, facto que já acontecia em Portugal desde o reinado de D. Fernando I, com representações de cavaleiro em $\frac{1}{2}$ barbudas e barbudas e a representação da efigie real nos $\frac{1}{2}$ torneses de busto e torneses de Busto, que permanecerá no real de prata de D. Beatriz, só voltando a reaparecer com D. João V. Esta temática era mais comum em Itália, local onde o artista terá vivido; porém, nenhuma se assemelha à representada, sendo assim possível pressupor uma aproximação ou mesmo invenção por parte do artista, tal como acontece com outras moedas aí representadas. É preciso lembrar que as moedas aparecem representadas de forma estilizada.



Moeda 3 – Cruzado Calvário, D. João III (1521-1557). Portugal, ouro. ©Numista. ©INCM.

À semelhança da *Adoração dos Reis Magos*, a cena bíblica em que Jesus expulsa os vendilhões do Templo constitui um episódio em que as moedas também surgem representadas como elemento iconográfico, por estarem fortemente ligadas ao negócio e

aos cambistas⁶, podendo, assim, ser inseridas na temática das profissões. Consideremos o exemplo da obra *Cristo purificando o Templo*, de El Greco, em que não é possível identificar as moedas representadas⁷.

Por último, no tocante às cenas da *Vida de Cristo*, mencionamos ainda a traição de um dos seus discípulos, Judas, figura esta que, em termos iconográficos, aparece acompanhada por um saco de moedas, símbolo da venda de Cristo. Porém, na obra *Prisão de Cristo*, de Vasco Fernandes, estas moedas encontram-se representadas dentro de uma bolsa, fazendo apenas alusão às mesmas.



Figura 5 – *Prisão de Cristo*, 1501-1506, Vasco Fernandes (1501-1542). Óleo sobre madeira, 132 x 79cm. Museu Nacional Grão Vasco, Viseu (Inv. 2151). ©MatrixNet.

Na pesquisa que efetuámos, foi possível observar que as moedas também podem ter um simbolismo dual, uma vez que representam a riqueza e a abundância, com valor positivo, ou então as tentações, a vaidade e os pecados, com valor negativo. Sendo assim, constatou-se também a representação de moedas como forma de ostentação, luxo e colecionismo, associada aos sentidos, como acontece nas obras *O sentido da visão*, de Peter Paul Rubens e Jan Brueghel, o Velho⁸, e *Visão e olfato*, de Jan Brueghel, o Velho⁹.

Acontece, porém, também o oposto: o uso das moedas como forma de representar a riqueza, mas rejeitando-a, como é visível na obra *O Amor desinteressado*, de Guercino¹⁰, em que a figura do Cupido surge a sacudir várias moedas de ouro e prata guardadas numa bolsa, como que em sinal da sua rejeição.

No contexto do uso negativo das moedas, temos a sua representação associada a tentações e pecados, entre os quais um dos sete pecados capitais: a avareza. É natural, assim, que as moedas apareçam associadas a cenas do inferno e sejam mesmo utilizadas para exprimir a ideia de castigo. Vejamos o exemplo da obra *Inferno*, de autor desconhecido.

6. Citemos o exemplo da obra *O cambista e a sua mulher*, de Quentin Matsys.
7. *Cristo purificando o Templo*, c. 1570, El Greco (1541-1614). Óleo sobre painel, 65,4 x 83,2cm. National Gallery of Art, Washington, D.C. (Inv. 1957.14.4). ©National Gallery of Art.
8. *O sentido da visão*, 1617, Peter Paul Rubens (1577-1640) e Jan Brueghel, o Velho (1568-1625). Óleo sobre painel, 64,7 x 109,5cm. Museu do Prado, Madrid (Inv. P001394). ©Museu do Prado.
9. *Visão e olfato*, 1620, Jan Brueghel, o Velho (1568-1625), Hendrick van Balen (1575-1632) e Frans Francken II. Óleo sobre tela, 176 x 264cm. Museu do Prado, Madrid (Inv. P001403). ©Museu do Prado.
10. *Cupido rejeitando riquezas*, c. 1653, Guercino (1591-1666). Óleo sobre tela, 99 x 75cm. Museu do Prado, Madrid (Inv. P000205). ©Museu do Prado.



Figura 6 – *Inferno*, 1505-1530, Mestre desconhecido. Óleo, 119 x 217,5cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 432 Pint.). ©MatrixNet. ©DGPC.

O século XVII ficou marcado por várias inovações na pintura, nomeadamente na temática das naturezas-mortas, que integram o sentido alegórico do barroco. Em Portugal, esta temática foi cultivada e desenvolvida por Baltazar Gomes Figueira e Josefa de Óbidos¹¹.

Analisemos, então, a obra intitulada *Mês de Abril*, que passou a integrar o acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, após a sua aquisição à leiloeira Cabral Moncada Leilões¹². Nesta obra datada de cerca de 1668, crê-se que o primeiro plano terá sido realizado por Josefa de Óbidos, e o segundo, pelo seu pai, Baltazar Gomes Figueira¹³.

A obra é composta por vários elementos, incluindo uma bolsa aberta com moedas, cinco das quais são identificáveis. Esta obra destaca-se entre as restantes pela atenção dada ao pormenor, que permite uma identificação quase exata das moedas representadas, pertencentes a três reinados distintos: D. Filipe III, D. João IV e D. Afonso VI. Este facto sugere que moedas de vários reinados podem coexistir e circular em

simultâneo, sem implicar com isso uma substituição das velhas pelas novas.



Figura 7 – *Mês de Abril*, 1668, Baltazar Gomes Figueira (1604-1674) e Josefa d'Ayala, dita Josefa de Óbidos (1630-1684). Óleo sobre tela, 105 x 174,3cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 2220 Pint.). ©Cabral Moncada Leilões, leilão 219, lote 150.



Moeda 4 – Tostão (100 reais), D. Filipe III (1621-1640). Portugal, prata. ©Palácio do Correio Velho, leilão 385, lote 192.

11. SERRÃO 1991.

12. No leilão 219, lote 150, pelo valor de martelo de 220000€, a 12 de dezembro de 2022

13. CAETANO 2015.

A primeira moeda apresenta fortes semelhanças com o tostão de D. Filipe III. Salientemos, no bordo da moeda, as letras PHILI, assim como o pormenor da orla da moeda e o material: a prata. Os traços que apresentam uma maior diferença serão as arruelas que ladeiam os quatro cantos da cruz. Fazendo uma análise das moedas da Dinastia Filipina, não nos foi possível encontrar uma que apresentasse mais semelhanças do que a mencionada.



Moeda 5 – Tostão (100 réis), D. João IV (1640-1656). Portugal, prata. ©Numisma, leilão 117, lote 324.

A segunda moeda de prata foi atribuída ao reinado de D. João IV, tendo em conta as letras visíveis na orla: OAN. Porém, esta moeda apresenta uma grande diferença em relação à escolha de posicionamento. Ao observarmos todas as variantes das moedas dos reinados de D. João IV, até à data da obra, e até mais tardiamente, não nos foi possível identificar nenhuma moeda que apresentasse o anverso e o reverso juntos, como acontece neste caso específico. Esta moeda mostra o reinado, a data e a cruz de Malta na mesma face, o que sugere que os autores da obra terão procurado conjugar os elementos mais significativos e identificativos da moeda.



Moeda 6 – 4 cruzados, D. João IV (1640-1656), 1642. Portugal, ouro. ©Numista.

A primeira moeda de ouro representada é de D. João IV. O fenómeno que poderá explicar a ausência deste material na Dinastia Filipina é o decreto emitido por este soberano: «Em 1642, o monarca decretou que deviam ser batidas novas moedas de ouro – que ostentavam o novo escudo – e a conseqüente recolha das moedas existentes. Assim, foram retiradas de circulação quase todas as antigas moedas de ouro e estrangeiras.»¹⁴

Ao contrário das moedas até agora analisadas, nesta não foi possível reconstituir-se uma leitura plausível das letras da orla. Porém, existem outros elementos que permitem identificá-la, como a cruz, divergente das restantes, e a data, que nos pareceu ser, de início, 1640. No entanto, através da análise do catálogo de Alberto Gomes¹⁵, verificámos que não existem moedas em ouro com esta data. Foi então possível determinar-se que o 2 da época apresentava configuração redonda e, quando observado a partir de certo ângulo, se assemelhava ao algarismo 0.

14. SALGADO 2001: 86.

15. GOMES 2021.



Moeda 7 – 4 cruzados, D. Afonso VI (1656-1667), 1663. Portugal, ouro. ©Numista. ©A. Monge da Silva.

Nesta obra aparece ainda outra moeda de 4 cruzados. Porém, esta pertence ao reinado de D. Afonso VI. Mais uma vez, guiámo-nos primeiro pelo material – ouro – e, depois, tentámos ler a legenda, ainda que só nos tenha sido possível identificar a sequência ON. Apenas esse elemento tornava impossível que esta fosse a aparência das outras de IOANES, pela falta do «A». Outra alternativa que se propôs foi que esta não estivesse conjugada e fizesse referência aos elementos comuns no reverso: IN HQC SIGNO VINCES. No entanto, mais uma vez, essa hipótese mostrou-se errada. Restava assim apenas uma possibilidade: ALPHONSVS.



Moeda 8 – Moeda (4000 réis), D. Afonso VI (1656-1667). Portugal, ouro. ©Numista.

Também esta pertence ao reinado de D. Afonso VI. Outro elemento bastante curioso são as arruelas que cantonam os quatro braços da cruz de Malta, elemento raro neste tipo de moedas, que geralmente apresentam a data ou o local de cunho (E: Évora; P: Porto). Esta cunhagem é apenas visível nas moedas de ouro emitidas a partir da Lei de 28 de outubro de 1663, sendo encontradas nas seguintes tipologias, todas elas iguais, mas com pesos e dimensões diferentes: $\frac{1}{4}$ moeda, $\frac{1}{2}$ moeda e moeda.

Apesar de ser possível identificar elementos desta obra noutros quadros de Josefa de Óbidos como o cesto com bolos, em que existe um bastante semelhante, intitulado *Natureza Morta: Cesto com bolos e toalhas*, no Museu Municipal de Óbidos, não nos foi possível encontrar mais representações de moedas nesta pintora.

Outra natureza morta que mostra moedas é a obra *Vaso de flores com joias, moedas e conchas*, de Jan Brueghel, o Velho¹⁶. Jan Brueghel, o Velho, foi um notável pintor flamengo, que nasceu em Bruxelas, mas que terá viajado pela Europa durante toda a sua vida. As moedas representadas na sua obra parecem remeter para a época romana, associação sugerida pela presença de uma coroa de louros nas efígies. Esta iconografia encontra-se também presente nas moedas emitidas na cidade imperial livre de Besançon, durante a vida do artista.

Os retratos são a última categoria em que foi possível encontrar uma representação de moedas. Citemos dois exemplos:

16. *Vaso de flores com joias, moedas e conchas*, 1608, Jan Brueghel, o Velho (1568-1625). Óleo sobre cobre, 65 x 45cm, Pinacoteca Ambrosiana, Milão (Inv. 66). ©Coleção Ambrosiana.

o primeiro é o retrato de uma cortesã, de Jacob Adriaensz Backer, e o segundo, o autorretrato de David Bailly.



Figura 8 – *Cortesã*, c. 1640, Jacob Adriaensz Backer (1608-1651). Óleo sobre tela, 64,5 x 56,5cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (Inv. 1633 Pint.). ©MatrixNet.

Conclusão

Em resumo, determinámos que existem cinco grandes categorias em que se documenta a representação de moedas, em pinturas dos séculos XVI e XVII: cenas da Vida de Cristo, alegorias, naturezas-mortas, profissões e retratos. Dentro destas categorias, foi possível observar que existem representações de moedas fidedignas, mas também invenções ou aquilo que supomos ser adaptações de gravuras. O metal monetário mais representado foi o ouro, logo seguido pela prata, na verdade os únicos documentados, talvez por serem mais valiosos ou esteticamente mais apelativos. Outro aspeto observado foi a representação de moedas atribuíveis a reinados diferentes, mas provavelmente coexistentes, além da possível representação de moedas produzidas em locais diversos dos da produção pictórica.

Bibliografia

Afonso, L. Urbano (2006). Iconografia antijudaica em Portugal (séculos XIV-XV). *Cadernos de estudos sefarditas* 6, 101-131.

Caetano, J. Oliveira (2015). Baltazar Gomes Figueira e Josefa de Óbidos. O início da natureza-morta em Portugal. In *Josefa de Óbidos e a invenção do Barroco Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga; Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Gomes, A. (2021). *Moedas portuguesas e do território que hoje é Portugal. Catálogo das moedas cunhadas para o continente e ilhas adjacentes, para os territórios do ultramar e grão-mestres portugueses da Ordem de Malta*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal.

Pereira, P. (2011). *Arte portuguesa. História essencial*. Lisboa: Círculo de Leitores; Temas e Debates.

Salgado, J. Sáez (2001). *História da moeda em Portugal*. Tipografia Peres.

Serrão, V. (coord.) (1991). *Josefa de Óbidos e o tempo do Barroco*. Artes Gráficas.

Sousa, G. de Vasconcelos (2009). A joalharia no retrato masculino e feminino em Portugal no século XIX. In *Actas do II Colóquio português de ourivesaria*, 227-241.

PSICOLOGIA E O COLECIONISMO NUMISMÁTICO

OSWALDO M.
RODRIGUES
JR.

Psicólogo (CRP 06/20160)
Numismata e escritor
Diretor de Comunicação da SNB –
Sociedade Numismática Brasileira
Editor da Revista Numismática Brasileira
oswrod1@hotmail.com

RESUMO: O colecionismo em geral pode ser considerado parte dos aspectos psicológicos do ser humano. As funções do colecionismo numismático, em particular, podem ser percebidas de modo positivo em prol da saúde emocional e social dos envolvidos nesta prática. Os primeiros estudos da psicologia sobre o colecionismo focaram os comportamentos infantis no início do século XX, passando por várias décadas focados em estudos de caso de comprometimento psíquico, conduzindo a percepções sociais negativas até o final do século. Com os estudos sociológicos sobre o colecionismo, a psicologia retomou as compreensões sobre as funções do colecionar e tem acumulado informações a esse respeito, tornando esta percepção mais positivada, ainda que sem desprezar as condições psicopatológicas que podem usar o colecionismo para se manifestar.

PALAVRAS-CHAVE: Colecionismo – Psicologia – Aspectos psicológicos – Funções do colecionismo.

ABSTRACT: Numismatic collecting can be perceived in a positive way for the emotional and social health of those involved in this practice. Psychology's early studies of hoarding focused on children's behaviors in the early twentieth century, spending several decades focused on case studies of psychic impairment leading to negative social perceptions by the end of the century. With the sociological studies on collecting, psychology has resumed the understanding of the functions of collecting and has accumulated information in this regard, making this perception more positive, although without neglecting the psychopathological conditions that can use collecting to manifest itself.

KEYWORDS: Collecting – Psychology – Psychological aspects – Functions of collecting.

A pré-numismática

Antes da existência do dinheiro físico tal qual o conhecemos, da moeda metálica como definida, objetos diversos foram usados para facilitar a troca de bens. Alguns objetos são mais conhecidos e ainda hoje reconhecidos pelo seu padrão estético.

O valor estético dos objetos pré-moedas é percebido como um fator semelhante ao atual colecionismo numismático. Espécimens considerados mais bonitos de um tipo de objeto sempre foram a meta buscada por algumas pessoas para o entesouramento.

O entesouramento, enquanto acúmulo de objetos de valor estético percebidos como superiores, corresponde ao período pré-numismático.

O poder desta condição pode ainda ser percebido quando nos deparamos com exemplos atuais como o a seguir:

«Ministrava um curso profissional em Marília (interior do Estado de São Paulo), e uma aluna de psicologia fora designada para ciceronear-me e não me deixar des-cuidado na cidade no par de dias em que ocorria o curso. Almoçando no intervalo do curso surge o assunto numismática, ao que ela questionou o que seria e logo conta, demonstrando felicidade, que um primo colecionou todas as moedas das olimpíadas de 2016, e, ao finalizar a coleção, mandou emoldurar para colocar na parede da casa. Outro tio tentou fazer o mesmo, mas não conseguiu algumas das moedas, não terminando a coleção. Justificou que as moedas eram mesmo muito lindas e que o quadro emoldurando as moedas ficou muito

bonito. A valorização estética ainda ocorre, mesmo que não sejam exemplos de uma real numismática.»

No mundo da numismática existem algumas considerações importantes que muitos fazem questão que sejam definidas.

Uma delas é a diferenciação entre o que seja um numismata e os colecionadores. Dilemas à parte, a diferença básica estará no estudar o objeto colecionável, além da função estética. O colecionador gosta do que coleciona, mas não necessariamente dispenderá tempo estudando o objeto e as suas funções.

Outra delimitação ainda será feita diferenciando o colecionador do ajuntador. Muitas vezes depreciado pela comunidade numismática, o ajuntador – os já conhecidos como acumuladores – não se utiliza de métodos básicos para o processo de obter e manter moedas, geralmente guardando em jarros, vidros de conserva já sem serventia, guardando as moedas em gavetas junto a outros objetos. Isso enquanto o colecionador já busca álbuns, aprende a conservar e até a limpar as moedas ou adquire livros básicos, os catálogos-preçários, para saber o quanto valorizaram as peças que tem.

Claro que ainda existem outros que permeiam as três classificações anteriores, mas que mantêm outras finalidades, nem sempre atingidas, de investimento, guardar para poder vender quando necessário. Muitas vezes apenas uma fantasia que mantém a mesma possível motivação de acumular o estético.

Até mesmo o estudo acadêmico sobre os colecionismos é recente. Sempre

existiram muitos livros sobre os colecionismos, catálogos descritivos e precários, mas a universidade não se dedicava ao assunto até a década de 90 trazer a proliferação de estudos, livros e a inserção e disciplinas nas universidades, incluindo sociologia, desenvolvimento humano (psicologia), antropologia, história e museologia¹.

Esse interesse acadêmico refere a atenção a expressões culturais e a sociedade moderna. A contraposição pode ser compreendida quando sociólogos discutem cultura, buscam as normas, valores, padrões de comportamento, o que as pessoas têm em mente, e não os objetos físicos. O estudo do simbolismo e significados de objetos domésticos colocou a cultura sobre objetos na pauta de estudos acadêmicos a partir da década de 1980. O que ocorre entre as pessoas e os objetos, a razão pela qual os objetos são valorizados, deveria tornar-se parte do conhecimento sobre os seres humanos².

O colecionismo infantil não tem recebido atenção de estudos acadêmicos, embora algo tenha ocorrido no início do século XX³. Compreensões de estudos em psicologia apontam hipóteses sobre o possuir objetos, algo que conduziria à possibilidade do colecionismo adulto⁴.

Aspectos psicológicos

Estudos têm apontado o papel do colecionismo e os fatores psicológicos no

coleccionar e no conservar uma coleção sobre a vida de uma pessoa.

Coleccionar algo já diz respeito à vida de uma pessoa, o interesse pelo tipo de objeto e a representação do objeto para a pessoa, o significado subjetivo.

Ao longo do desenvolvimento da ciência da psicologia, alguns autores já referiam o colecionismo no início do século XX. Karl Abraham escreveu sobre a ligação entre o coleccionar e a atividade erótica em geral:

«O valor excessivo que o colecionador coloca no objeto que coleciona corresponde de modo completo aos sentimentos superestimados do amante ao seu objeto sexual. A paixão pelo colecionismo é frequentemente uma substituição para o desejo sexual... A paixão do solteiro pelo colecionismo diminui após o casamento.»⁵

Estas interpretações selvagens não se baseavam em evidências científicas, portanto não podem ser afirmações consideradas como verdadeiras; e, mesmo que o fossem há cem anos, podem mostrar-se diferentes na atualidade.

Outro famoso psicanalista, em 1945, escreve sobre o desenvolvimento infantil e a luta pelo controle e a perda de controle sobre o corpo como a base do colecionismo. A interação com o ambiente nos primeiros anos de vida produzindo padrões que são métodos e adaptados na vida adulta.

1. PEARCE 2012.
2. CZIKSZENTMIHALYI & HALTON 1981.
3. PEARCE 2012.
4. FURBY 1976 (cit. por PEARCE 2012).
5. ABRAHAM 1927: 67.

Funções do colecionismo

O colecionador tem na numismática uma função básica: a de fazer dela um *hobby*, lazer, diversão – o fazer algo diverso do restante do dia, diverso do trabalho, a atividade produtiva e remunerada.

A função de diversão é uma necessidade para o indivíduo e para a comunidade, e nem tanto indiretamente quanto se poderia pensar. Ao vivenciarmos algo diverso do trabalho, utilizamo-nos de um mecanismo de distração cognitiva que produz um efeito relaxante, calmante. Esse mecanismo tem grande importância enquanto anti estressante e que facilitará o refocar atenção e energias no trabalho produtivo. Referimos o mesmo efeito do fim de semana de folga remunerada existente no mundo ocidental neste último século no mercado de trabalho formal. O fim de semana auxilia a desviar a atenção e as tensões do cotidiano de trabalho, permitindo re-iniciarmos a segunda feira dedicados, energizados para trabalhar.

Assim é o colecionismo numismático.

Uma atividade de lazer, de diversão, mas que produz um mecanismo semelhante ao embriagar-se, distanciando-nos de outras atividades, do trabalho produtivo, contrabalanceando as tensões diárias, mas facilitando a continuidade do trabalho, apesar deste poder ser tensionador. Trata-se de uma organização que não precisa ter a aparência institucional, mas com funções de controle social semelhantes a todas as instituições sociais para a manutenção de um estágio civilizatório por um tempo o maior possível ao largo da história. Afinal, enquanto nos divertimos, não brigamos, não nos rebelamos.

Colecionar cumpre finalidades educativas e tem produzido colecionadores especializados do ponto de vista científico e educacional/pedagógico.

Fazer a manutenção de uma coleção pode ter uma função relaxante enquanto atividade contrapondo cotidianos estressantes (embora o estresse não venha apenas de fora, mas com a interação com o ambiente, como uma pessoa aprendeu a lidar com cada situação, padronizando reações emocionais no enfrentamento daquele tipo de situação). Outra função é não deixar a vida tornar-se chata, sem finalidades, afinal; ações constantes precisam ser produzidas para a manutenção de uma coleção.

O hábito de colecionar pode estabelecer relacionamentos sociais úteis para outros campos da vida. Encontrar pessoas com preferências semelhantes produz novas amizades. No mundo acadêmico/universitário, estas atividades parecem ser razoavelmente comuns, auxiliando o convívio através de outra atividade que não o trabalho.

Para os mais idosos, o colecionar auxilia um envelhecer mais saudável (Julie Bach, professora de Serviço Social e titular de gerontologia da Universidade Dominicana, em River Front). A professora Bach afirma que os que envelhecem com sucesso mantêm funções cognitivas que são facilitadas e melhoradas com o colecionismo, o estudo e a organização da coleção. Outro aspecto, a professora aponta, é a sociabilidade, o ir a locais frequentados por outros colecionadores, fazendo as pessoas saírem de casa e compartilhando ideias.

Algumas pessoas colecionarão como forma de administrar faltas e necessidades de ligação com um passado anterior, mas

considerado parte da história individual. Um exemplo é colecionar moedas de períodos anteriores ao nascimento, como uma forma de defender-se de emoções negativas de perdas de familiares. Mas podemos ponderar que a perda se refira a épocas históricas anteriores, à monarquia perdida no país, e toda a simbologia relacionada àquele período (a parte simbólica percebida como boa, não a possíveis aspectos negativos. Outro fator refere-se à recuperação dos aspectos identitários nacionais presentes, afinal, coleta-se as razões pelas quais vivemos neste país, os fundamentos do que somos e vivemos, uma busca de segurança para o vier atual.

Devemos reconhecer que condições geográficas e históricas modificam o foco e as razões pelas quais uma pessoa coleciona e o objeto desta coleção.

Alguns colecionadores verbalizam estes aspectos:

«Ser intelectualmente ativo é uma boa coisa, tenha 3 ou 70 anos!»

«I collect coins because the hobby informs me about history, military history, government, political regimes, economies and religion.» – says the New York City attorney. «You can learn about how civilizations begin, expand, become empires and decline... It's been the hobby of a lifetime.»

Existe uma especulação interessante que nos relaciona ao princípio da

humanidade pré-histórica. Uma ligação possível com o caçar e o coletar frutas e sementes para alimentar-se. Uma associação a necessidades básicas mantidas no cérebro humano que busca catalogar e organizar informações para dar sentido às futuras ações. Mas trata-se de uma hipótese, interessante, mas não comprovada. A razão seria mais animal, comparada aos comportamentos de estocar comida feito por algumas espécies animais, mas sem comprovações científicas.⁶

Motivações individuais

Todos os atos humanos compõem-se de mecanismos imbricados de complexidades próprias ao ser humano.

Algo comum será o mecanismo desenvolvido pelo histórico de consequências positivas em nossa vida pessoal. Aqui temos uma base importantíssima para o desenvolvimento do colecionismo numismático, diferenciando cada indivíduo com seus mecanismos de administrar ansiedades e estresses do convívio social.

E como se dá este processo de aprendizado e como se aplica ao colecionismo?

Uma boa parte dos primeiros anos de vida de uma criança contém atos que os adultos temem por serem destrutivos. Quebrar objetos para conhecer o funcionamento do objeto é presenciado cotidianamente por pais e outros adultos convivendo com uma criança de poucos anos. Este é um período da vida de todos nós. Mas alguns de nós rapidamente aprendem que

6. ANDREWS-McCLYMONT, LILIENTELD & DUKE 2013.

conservar o objeto, como, por exemplo, um brinquedo, vale mais do que o destruir para saber como é composto internamente. E como aprendemos isso? Seguramente não serão apenas as admoestações dos adultos e os castigos inflingidos por quebrar algo que custou aos pais obter financeiramente. A maneira pela qual a criança se sinta recompensada, associe emoções positivas, que tragam bem-estar e prazer, será o aprendizado que referimos. O oposto também será verdadeiro. Se uma criança quebra algo, se tem boas sensações ou soluciona um dilema – e esse comportamento é reforçado pelos pais que lhe dão outro brinquedo imediatamente –, mais rapidamente teremos alguém que aprecia destruir, gostará cada vez mais de quebrar objetos, incluindo alheios. A criança que aprende a conservar, tirando prazer deste ato, constrói a base para um futuro colecionador.

O colecionador é uma pessoa que aprendeu a conservar, a obter satisfação com o cuidar de objetos (nos vários tipos de possibilidades que enumeramos acima). O colecionador gosta do que coleciona porque o mundo ao redor, o ambiente físico e social, valoriza o que fazia em criança e isso trazia bem-estar pessoal (vejam que isto é diferente de socialmente dizermos que uma ação é melhor que outra; não se trata de ensinamento social pedagógico, não se trata de valoração moral). A percepção individual construiu o caminho para as bases do comportamento de colecionar. E a história individual produz o encontro com o que será o objeto satisfatório para o colecionar.

Assim, ao longo dos primeiros vinte anos, já teremos as vivências determinantes

para o colecionismo; e a distinção para a numismática também ocorrerá nesta época com o encontro positivado do objeto monetiforme. O ter, o possuir uma moeda corrente e a satisfação de guardá-la mais tempo, sem gastá-la em compras, poderia ser uma destas vivências. O guardar uma moeda presenteada por um familiar querido, importante emocionalmente, poderia ser outra vivência básica. O bem-estar e o relaxamento ou evitação de momentos ou situações de ansiedade seguramente são bases para o desenvolvimento do colecionismo. Assim, até mesmo um comportamento de fuga de tensões de relacionamento interpessoal na infância, associado a aproveitar o manuseio de uma moeda e emoções de satisfação, de prazer, produz as bases para a escolha objetiva de moedas e de um futuro colecionismo numismático. Entendam que este processo de fuga, de evitação com o alívio emocional, pode se dar algumas vezes no embate entre irmãos, ou de uma bronca, real ou imaginária, correta ou neurótica, por parte dos pais.

Algumas pessoas desenvolvem um colecionismo por terem passado necessidades em épocas de guerra, padrões que podem ser reconhecidos pela frequência que aqueles ambientes produziram nos indivíduos.

Uma pessoa é o que se vê em si mesma, assim como também o que se vê nas coisas que possui, que coleciona. Desta forma, a coleção pode dizer coisas a respeito do colecionador. A identidade do colecionador se estende e se amplia na sua coleção e os motivos para colecionar são as representações da personalidade: pode ser a busca do

poder, do conhecimento, das lembranças da infância, prestígio e controle⁷.

São mecanismo ontogenéticos o que descrevemos. Nem sempre visíveis externamente, mas vivenciados emocionalmente modelando comportamentos socialmente ajustados e, por conseguinte, desejados. Assim aprendemos a solucionar problemas pessoais, ansiedades geradas no mundo social.

Sempre será positivo?

Quando o colecionar pode ser danoso, negativo, problemático?

Todos podemos pensar ou questionar se algo é errado.

Mas o colecionismo numismático pode ser errado?

Do ponto de vista da saúde mental, se um comportamento qualquer trazer dano, mal-estar, emoções negativas, sofrimento a si mesmo ou a outros, será um comportamento daninho, errado. Atualmente as doenças mentais todas são analisadas a partir deste questionamento. Assim, mesmo que a pessoa diga que não sofre, mas se faz outros sofrerem... temos problemas ocorrendo.

Mas como saber se algo é danoso, se continuamos a sentir prazer com o comportamento?

Aqui precisamos de observação externa!

Mas não de opiniões de outras pessoas envolvidas que possam ter apenas opiniões diferentes.

Assim, um hábito de colecionar pode representar uma compulsividade, a exemplo de acumuladores. Mesmo quando a coleção foi passada de avô para neto, podemos ter um ambiente favorecedor para o surgimento e a manutenção de características obsessivas, talvez de um transtorno obsessivo-compulsivo. O lado bom desta versão é que o colecionismo pode manter o transtorno sob controle, permitindo outras áreas da vida manterem-se adequadas, adaptadas. A acumulação compulsiva (*Sylogomanie*) é a forma negativa associada ao mecanismo aparente de colecionismo. Assim também é que se diferencia um colecionador de um acumulador.

Os ajuntadores são pessoas que vivem ansiedade e desconforto sobre o jogar algo fora, mesmo que não tenha valor, pois tem um sentimento de proximidade ao item. O ajuntador compulsivo tende a conferir qualidades humanas aos objetos com os quais se identifica. Existe uma sobrealorização e sentir-se-ão muito mal com o simples pensar em jogar algo fora.

O colecionismo patológico é definido como a aquisição e a incapacidade de descartar posses de pouca utilidade ou valor para os outros⁸.

Na psiquiatria temos o termo «transtorno de acumulação», que é um comportamento disfuncional associado com angústia clinicamente significativa ou prejuízo em áreas sociais, laborais ou outras importantes no funcionamento e dificuldade persistente de se desfazer de

7. COELHO 2023; DOZIER 2022.

8. AYACHE *et al.* 2015.

ou descartar posses devido à percepção da necessidade de guardar os itens e angústia associada ao descarte deles. A quantidade de itens coletados diferencia o comportamento mórbido do comportamento normal de colecionar⁹.

O acumular descontroladamente, sem critério e organização, coisas como papéis (comprovantes bancários de décadas, notas fiscais jurássicas, papezinhos para anotações, recortes de revistas), roupas imprastáveis, latas, potes de vidro, pedaços de barbante, jornais velhos, é um problema. Para estas pessoas, o descartar é um verbo impossível de ser conjugado¹⁰. O argumento básico de quem age assim é que aquilo «pode vir a ser necessário, sabe-se Deus quando», e aí a pessoa estará preparada para a ocasião. O problema é: quem conseguiria achar aquele parafuso específico, guardado em meio a muitas pilhas de outras coisas, num cômodo quase intransitável?¹¹

O colecionismo patológico é um constructo mensurável e que está associado a padrões diferenciados de qualidade de vida e reatividade interpessoal, mas também que a gravidade de sintomas psiquiátricos comórbidos afeta de maneira significativa as variáveis¹². Pessoas com características obsessivas e compulsivas podem tornar-se «coleccionadores» como forma de controle

do mal-estar associado aos mecanismos doentios. Estes mecanismos podem ser estudados e mensurados para consideração de possíveis tratamentos¹³.

Aspectos negativos de acumuladores incluem: depressão, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de hiperatividade e déficit de atenção, ou até esquizofrenia, demência e doenças físicas que limitam a mobilidade ou a capacidade do paciente de manter seu ambiente doméstico¹⁴. Isto implica mais que cuidar apenas do aspecto «coleccionismo». As condições de vida podem impactar diretamente não apenas o bem-estar e a segurança da pessoa, mas também de outras pessoas em casa, visitantes e, às vezes, também aqueles que vivem em proximidade física, a exemplo do trabalho ou outros locais de convivência social. Reações emocionais e cognitivas disruptivas têm sido estudadas e catalogadas¹⁵.

Este recorte do colecionismo já é preocupação de muitos no campo numismático, a exemplo do capítulo sobre investimento *versus* refúgio¹⁶. Aqui, o autor, que atua no campo comercial, percebe três tipos problemáticos, que nomeia «adição» (dependência), «compulsão» e «especulação». As duas primeiras classes se associam a termos psiquiátricos, a terceira é explicada pelo autor como falta de conhecimento numismático e objetivos de lucro financeiro.

9. APA 2013; LIN *et al.* 2023.

10. WIELENSKA 2016.

11. OLIVEIRA & WIELENSKA 2016.

12. SOARES 2007.

13. WILSON *et al.* 2023.

14. MOREIN-ZAMIR & AHLUWALIA 2023.

15. PARDINI *et al.* 2023; AKBHARI *et al.* 2022.

16. GARCIA-BARNECHE 2022.

O controle de impulsos

Uma atividade de diversão e que produz um mecanismo semelhante ao embriagar-se, permitindo distanciar-se de outras atividades, do trabalho produtivo, contrabalanceando as tensões diárias, mas facilitando a continuidade do trabalho.

É uma organização que não necessita ter uma aparência institucional, mas com funções de controle social semelhantes a todas as instituições sociais para a manutenção de um momento civilizatório por um tempo o mais longo possível na história de um povo.

Sim, os impulsos negativos, a impulsividade, têm controle no mundo social.

A numismática exige que se controlem os impulsos.

A coleção, os cuidados com as moedas, a organização...

Exceto nos leilões, onde o impulso, a impulsividade desenfreada nos tenta para vencer o leilão... Ainda aqui percebemos que o desejo adquirir uma moeda, mesmo que o preço já tenha passado do razoável... será um problema que pode ser recorrente, deixando-se levar pelas emoções.

Fazer a manutenção de uma coleção pode ter uma função relaxante, uma atividade contra cotidianos estressantes (mas é necessário lembrar que o estresse não vem apenas de fora, mas da interação com o ambiente, como uma pessoa aprendeu a administrar cada situação, padronizando reações emocionais no enfrentamento daquele tipo de situação).

Há tratamento para as condições patológicas? Sim. Quase nunca a solução é simples, isenta de embates, conflitos, hesitação e recaídas. O apoio de especialistas e a orientação da família são fundamentais. O argumento básico, a ser usado com o portador, não passa pela ênfase na insensatez de armazenar tanto lixo. Na verdade, buscamos discutir quais os valores básicos da pessoa: seja propiciar uma vida de qualidade aos que ama, ter espaço para convívio, zelar por um ambiente sem pó, mofo e insetos, para assegurar a saúde de todos, etc.¹⁷. Tão importante quanto reorganizar a vida de fora para dentro, é um investimento de longo prazo na terapia, rica oportunidade para identificar o que influenciou e ainda mantém o empobrecimento dos relacionamentos e dos interesses na vida. Intervir sobre essa armadilha é essencial. Do contrário, estaremos desconsiderando a totalidade da pessoa e focando apenas em uma dimensão do indivíduo, seu patológico excesso comportamental.

Conclusões

Como exemplo temos estudos psicológicos que demonstram que, através da numismática, pessoas tiveram oportunidades de vencer a timidez na adolescência. O abuso de álcool é outra situação referida em auto-relatos de substituição pelo colecionismo numismático¹⁸.

Desde a perspectiva da psicologia, o colecionismo numismático se faz muito distinto do mecanismo de acumulação.

17. WIELENSKA 2016.

18. RODRIGUES JÚNIOR 2017.

O mecanismo de acumulação tem como motor a impulsividade sem controle.

Muitas vezes isto se passa em leilões, seja ao vivo, seja por internet.

A pessoa é motivada por emoções, e quanto mais fortes e frequentes, parecem ser melhores, mas não são para o melhor. O comportamento, a ação motivada pela emoção, não tem controle e poderá ser contra objetivos racionais.

Os impulsos sem controle não são considerados saudáveis para as pessoas.

Estudos não apontam o colecionismo numismático como um ato obsessivo.

Estudos de psicologia do consumidor apontam que esta possibilidade teórica não ocorre obrigatoriamente¹⁹.

Outro aspecto positivo será a auto-percepção de ser capaz de cumprir um objetivo, inclua-se mostrar aos outros que se tem capacidades de conseguir.

Outra função é não deixar a vida tornar-se aborrecida, sem finalidades²⁰.

Isto se passa porque o colecionismo exige ações constantes para se manter uma coleção.

Exige um plano para manter a coleção, completá-la...

Um plano de vida! (ou pelo menos uma parte da vida...)

Bibliografia

Akbari, M.; Seydavi, M.; Mohammadkhani, S.; Turchmanovych, N.; Chasson, G. S.; Majlesi, N.; Hajjaliani, V.; Askari, T. (2022). Emotion

dysregulation and hoarding symptoms: a systematic review and meta-analysis. *J. Clin. Psychol.* 78 (7), 1341-1353.

Abraham, K. (1927-1988). *Selected papers on Psychoanalysis*. Londres: Karnac Books.

American Psychiatric Association (2013). *Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

Andrews-McClymont, J. G.; Lilienfeld, S. O.; Duke, M. P. (2013). Evaluating an animal model of compulsive hoarding in humans. *Review of general Psychology* 17 (4), 399-419. DOI:10.1037/a0032261.

Ayache, D. C. G.; Bruno, L. C. G. S.; Lucena, C. B.; Rodrigues, M. M.; Lima, W. F.; Gheller, M. F. (2015) Colecionismo: um relato de caso. *PECIBES* 2015, Supl. 1, 01-48, 13. <https://periodicos.ufms.br/index.php/pecibes/article/view/4283/3392> (acesso: 20/07/2023).

Baker, S. M.; Gentry, J. W. (1996). Kids as collectors: a phenomenological study of first and fifth graders. In Corfman, K. P.; Lynch Jr., J. G. (eds.). *NA - Advances in consumer research* 23. Provo, UT: Association for Consumer Research, 132-137.

Belk, R. W.; Wallendorf, M.; Sherry, Jr., J. F.; Holbrook, M. B. (1991). Collecting in a consumer culture. In Belk, R. (ed.). *SV - Highways and buyways: naturalistic research from the consumer behavior odyssey*. Provo, UT: Association for Consumer Research, 178-215.

19. BELK *et al.* 1991.

20. BAKER & GENTRY 1996.

- Coelho, V. (2023). O colecionismo do ponto de vista psicanalítico. *Hardecor*. <https://hardecor.com.br/o-colecionismo-do-ponto-de-vista-psicanalitico/> (acesso: 20/07/2023).
- Csikszentmihalyi, M.; Rochberg-Halton, E. (1981). The meaning of things: domestic symbols and the self. *Contemporary Sociology* 12(4). DOI: 10.2307/2067526.
- Dozier, M. E.; Nix, C. A.; Taylor, C.; Pyles, K.; Mejia, N.; Kalchbrenner, R. (2022). Perceived locus of control for clutter: reported reasons for clutter in adults with and without hoarding symptoms. *Br. J. Clin. Psychol.* 61 (2), 306-312.
- Fenichel, O. (1945). *The psychoanalytic theory of neurosis*. Nova Iorque: W. W. Norton & Co.
- Garcia-Beneche, A. (2022). La psicología del coleccionista. In Delgado, I. G. *Los escudos de a ocho*. Edición del autor (2.^a ed. estendida).
- Lin, N.; Bacala, L.; Martin, S.; Bratiotis, C.; Muroff, J. (2023). Hoarding disorder: the current evidence in conceptualization, intervention, and evaluation. *Psychiatr. Clin. North Am.* 46 (1), 181-196, 2023 03.
- McIntosh, W. D.; Schmeichel, B. (2004) Collectors and collecting: a social psychological perspective. *Leisure Sciences* 26:1, 85-97. DOI: 10.1080/01490400490272639
- Morein-Zamir S.; Ahluwalia S. (2023). Hoarding disorder: evidence and best practice in primary care. *Br. J. Gen. Pract. Mar.* 30; 73 (729), 182-183. DOI: 10.3399/bjgp23X732513. PMID: 36997219; PMCID: PMC10049603.
- Oliveira, M. F. G. A.; Wielenska, R. C. (2008). Colecionismo: fronteiras entre o normal e o patológico. *Revista Psicolog.* 1 (1), 27-41.
- Pardini, S.; Olivetto, S.; Fusina, F.; Novara, C. (2023). The experience of leaving a valuable object: an investigation of emotional processes related to hoarding disorder features. *PLoS One* 18 (2), e0280933, 2023. <https://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0280933>.
- Pearce, S. (2012). *Interpreting objects and collections*. Routledge.
- Rodrigues Júnior, O. M. (org.). *Histórias dos colecionismos numismáticos – algumas histórias brasileiras*. São Paulo: Center of High Numismatic Studies, 2017.
- Soares, I. D. (2007). Colecionismo patológico: avaliação clínica e psicométrica. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
- Wielenska, R. (2016). O caos e a ordem: as faces do colecionismo patológico. *Vya Estelar*. <https://vyaestelar.com.br/o-caos-e-a-ordem-as-faces-do-colecionismo-patologico/> (acesso: 20/07/2023).
- Wilson, L. A.; Scarfo, J.; Suleyman, E.; Rehm, I. C.; Baldwin, P. A. (2023). A latent factor approach to the saving inventory – revised: congeneric evaluation of construct and content validity. *J. affect disord.* 323, 689-697, 2023 02 15.

PLANO NUMISMÁTICO 2023: **A OPINIÃO DO ESPECIALISTA**

Mário Gouveia

HISTORIADOR, NUMISMATA E GESTOR
DE COLEÇÃO MUSEOLÓGICA
INCM/MUSEU CASA DA MOEDA
mario.gouveia@incm.pt

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) é hoje a única instituição que produz moeda metálica, em Portugal. As moedas que são lançadas ao longo do ano são divulgadas através do Plano Numismático e resultam de um diálogo entre arte, técnica e indústria. Neste processo intervêm não só os artistas que as idealizam, propondo desenhos para os vários temas, mas também os técnicos que as produzem, assegurando todas as etapas do fabrico. Como é do conhecimento geral, o Conselho Numismático é o órgão consultivo da INCM que supervisiona este processo.

O Plano Numismático (PN) é um documento que contém informações sobre as características de cada moeda que é produzida ao longo do ano. Além da capa, que contém a designação do documento e a identificação do ano a que se reporta, o PN inclui uma folha com a lista de todas as moedas que vão ser lançadas. Esta lista distingue as moedas correntes, as moedas correntes comemorativas e as moedas de coleção, sendo cada uma delas identificada com base na série, no tema, no valor, no metal e no acabamento. Além desta folha, o PN apresenta também, separadamente, um calendário com a previsão de lançamento das várias moedas.

A *Série Anual Portugal 2023* corresponde à coleção das moedas produzidas em Portugal, integrando, por este motivo, uma unidade de cada moeda de euro, em três acabamentos: *proof*, FDC e BNC. O limite de emissão é de mil e quinhentos conjuntos, sendo estes vendidos num estojo com certificado de garantia numerado (*proof*) ou numa carteira ilustrada (FDC e BNC). A embalagem ilustra o ideal da beleza na harmonia e procura apresentar-se como uma inspiração para uma vida orientada pela paz.

A *Série Anual Bebê 2023* tem como objetivo assinalar o nascimento de um bebé, podendo o conjunto ser personalizado com os seus dados biográficos. Em 2023, o limite de emissão inclui um total de três mil e quinhentos conjuntos, sendo estes formados por uma carteira ilustrada contendo uma unidade de cada moeda de euro produzida ao longo do ano. Com a aquisição desta série, assinala-se o início de uma coleção cujo valor está associado à vida concreta das pessoas e das famílias.

A *Moeda da Comemoração 2023* corresponde a uma moeda de 1,00€ proveniente das primeiras séries de cunhagem e escolhida pela sua excepcional qualidade. Trata-se de uma moeda FDC, produzida num limite de emissão de três mil unidades e embalada numa carteira ilustrada contendo a descrição das suas características. A aquisição desta moeda visa assinalar um propósito pessoal, o que a torna uma oferta especialmente relevante para quem cumpre um objetivo, supera um desafio ou alcança uma meta de vida.

Além das duas moedas correntes comemorativas com valor de 2,00€ – este ano subordinadas aos temas «Jornada Mundial da Juventude – Lisboa 2023», da autoria de João Duarte e Luc Luycx, e «Uma Moeda pela Paz», da autoria de José Teixeira e Luc Luycx –, o PN integra um conjunto de dez moedas de coleção, produzidas em vários metais (ouro, prata e cuproníquel) e com diversos acabamentos. Como acontece todos os anos, as moedas de coleção são produzidas com o objetivo de assinalar efemérides associadas ao país ou ao mundo, revestindo-se, por este motivo, de especial relevância e atualidade.

A série *Dinossauros de Portugal* integra a terceira e última moeda relacionada com o património paleontológico português, este ano alusiva à espécie *Miragaia longicollum*, que terá vivido no Jurássico Superior, há cerca de cento e cinquenta milhões de anos. Esta moeda foi desenhada por Joana Bruno, e, além da cor, contém pigmentos que brilham no escuro, evidenciando a silhueta do dinossauro. O anverso

mostra o esqueleto do dinossauro, sob a forma de uma espiral tendo como centro o valor e o brasão, enquanto o reverso mostra uma reconstituição da espécie no seu contexto paleoambiental.

A *Literacia dos Mares – 125 Anos do Aquário Vasco da Gama* comemora o aniversário de fundação de uma das instituições que, em Portugal, mais tem contribuído para a preservação da biodiversidade aquática: o Aquário Vasco da Gama. Esta moeda foi desenhada por Baiba Sime e mostra, no anverso e no reverso, a representação de espécies que habitam os ecossistemas marinhos e que constituem também importantes recursos económicos para as sociedades do século XXI.

A série *Espécies de Plantas Ameaçadas*, alusiva à *Hortelã-Brava-de-Folha-Longa* (*Mentha longifolia*), promove o conhecimento e a preservação das espécies da flora nacional em perigo. Além da cor, esta moeda integra também, num dos seus acabamentos, uma componente aromática, apresentando-se como a primeira moeda portuguesa a conter odor, por incorporação de microcápsulas de fragrância de menta. Desenhada por Catarina Sobral, esta moeda mostra, no anverso e no reverso, a representação de vários ramos de hortelã, com flores.

A série *Tesouros Numismáticos* inclui, este ano, a *Moeda de 4000 Réis, de D. Pedro, Príncipe Regente*, recriando assim uma moeda rara, com base nas mais avançadas tecnologias do presente. Produzida em 1677, a moeda de 4000 réis assinala a passagem da cunhagem manual para a cunhagem mecânica, fruto de uma inovação relevante: o balancé de parafuso. O desenho esteve a cargo de Rui Vasquez e mostra os elementos iconográficos que singularizam a peça: o brasão de armas de Portugal e a cruz de Cristo, com a legenda latina IN HOC SIGNO VINCES (“Neste sinal vencerás”).

A série *Músicos Portugueses* inaugura-se com a moeda alusiva ao poeta, cantor e compositor *José Afonso*, cuja obra serviu de mote para o Movimento das Forças Armadas durante a Revolução do 25 de Abril de 1974, de que resultou o estabelecimento da Democracia em Portugal. Concebida por Francisco Providência, esta moeda mostra, no anverso e no reverso, uma mão a tocar viola e o rosto do cantor, de perfil, com atributos reconhecíveis por todos quantos o conhecem: o cabelo encaracolado e os óculos de massa.

A série *Heróis e Criaturas da Mitologia*, que também se inaugura este ano, procura evocar figuras que povoam o imaginário coletivo, sendo alusiva ao *Unicórnio*, animal mitológico que simboliza a pureza e a bondade. Desenhada por Susa Monteiro, esta moeda integra cor e mostra, no anverso e no reverso, a imagem de um unicórnio em

posições diferentes, deitado ou em pé, no meio de ramos de romãzeira iluminados por um sol e uma lua.

O *Mundo Digital* é uma moeda que resulta da interação entre o ser humano e a inteligência artificial, tendo sido produzida em parceria com o Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra. O conteúdo de ambas as faces é idêntico, mas interpretado de formas diferentes: a face criada pelo ser humano é o código necessário para o desenho da face criada pela inteligência artificial; a face criada pela inteligência artificial mostra a imagem do que esta julga ser a representação humana do mundo digital.

A série *Portugal e o Oriente* conclui-se com uma terceira e última moeda, alusiva ao *Mobiliário Indo-Português*, que assinala as relações históricas entre Portugal e a Índia através de um objeto artístico que representa a ideia de diálogo cultural. Desenhada por Sara Feio, esta moeda integra cor e mostra, no anverso e no reverso, dois leões de boca aberta e um vaso com ramos de flores e um pássaro, ladeado por duas serpentes, símbolos da relação dicotómica entre a vida e a morte.

A série *Arte Contemporânea Urbana* integra este ano uma moeda concebida pelo artista *Bordalo II*, tendo sido produzida em parceria com o Pólo de Inovação em Engenharia de Polímeros. Esta moeda mostra cor e apresenta, no anverso e no reverso, uma meia-lua de polímero reciclado, alusiva às suas criações em grande escala, aproveitando materiais desperdiçados e integrando iconografia típica da arte urbana, segundo a ideia de «artivismo», que estabelece a síntese entre a arte e o ativismo.

A série *Jogos de Infância* é alusiva ao *Pac-Man*, um dos mais populares videogames de todos os tempos, tendo sido produzida em parceria com o Instituto de Engenharia Mecânica do Instituto Superior Técnico. Concebida por Jorge Silva, esta moeda integra cor e mostra, no anverso e no reverso, o labirinto percorrido pela figura cuja boca se abre e fecha, engolindo pastilhas, enquanto é ameaçada por fantasmas.

Em jeito de conclusão, a ideia que salta à vista desta rápida análise das moedas que integram o PN 2023 é que a INCM parece ter apostado numa lógica que lhe permite, ao mesmo tempo, conciliar a tradição e a inovação, indo ao encontro do gosto de colecionadores heteróclitos, que se interessam ora pelas temáticas históricas, ora pelas temáticas tecnológicas. Como é evidente, esta lógica integra uma das missões da instituição, que passa por assegurar a produção de bens necessários ao funcionamento do Estado Português, incorporando recursos e soluções técnicas e artísticas que estabelecem a ligação entre o passado, o presente e o futuro.



EMISSÕES

MOEDAS CORRENTES

SÉRIE ANUAL PORTUGAL 2023

Proof - Brillante não circulada (BNC)
Flor de cunho (FDC) - Bebê FDC

MOEDA DA COMEMORAÇÃO 2023

1 Euro › FDC

MOEDAS CORRENTES COMEMORATIVAS

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA 2023

2 Euro › *Proof* - BNC

UMA MOEDA PELA PAZ

2 Euro › *Proof* - BNC

MOEDAS COMEMORATIVAS

MIRAGAIA LONGICOLLUM

DINOSSAUROS DE PORTUGAL

5 Euro › cuproníquel - prata 925 *proof*

LITERACIA DOS MARES

(125 ANOS AQUÁRIO VASCO DA GAMA)

7,5 Euro › cuproníquel - prata 925 *proof*

HORTELÃ-BRAVA-DE-FOLHA-LONGA

(*MENTHA LONGIFOLIA*)

ESPÉCIES DE PLANTAS AMEAÇADAS

5 Euro › cuproníquel - prata 925 *proof*

"MOEDA" (4000 RÉIS), DE D. PEDRO, PRÍNCIPE REGENTE

TESOUROS NUMISMÁTICOS

2,5 Euro › ouro 999 *proof*

JOSÉ AFONSO

MÚSICOS PORTUGUESES

5 Euro › cuproníquel - prata 925 *proof* - ouro 999 *proof*

UNICÓRNIO

HERÓIS E CRIATURAS DA MITOLOGIA

5 Euro › cuproníquel - prata 925 *proof* - ouro 999 *proof*

O MUNDO DIGITAL

10 Euro › prata 925 *proof*

MOBIILIÁRIO INDO-PORTUGUÊS

PORTUGAL E O ORIENTE (PORTUGAL E ÍNDIA)

5 Euro › cuproníquel - prata 925 *proof* - ouro 999 *proof*

BORDALO II

ARTE CONTEMPORÂNEA URBANA

10 Euro › prata 925 *proof*

PAC-MAN

JOGOS DE INFÂNCIA

5 Euro › prata 925 *proof*

ISSUES

CIRCULATION COINS

ANNUAL COIN SET PORTUGAL 2023

Proof - Brilliant uncirculated (BU)
Fleur de coin (FDC) - Baby FDC

COMMEMORATION COIN 2023

1 Euro › FDC

COMMEMORATIVE CIRCULATION COINS

WORLD YOUTH DAY LISBON 2023

2 Euro › *Proof* - BU

A COIN FOR PEACE

2 Euro › *Proof* - BU

COLLECTOR COINS

MIRAGAIA LONGICOLLUM

DINOSSAURS IN PORTUGAL)

5 Euro › copper-nickel - silver 925 *proof*

SEA LITERACY

(VASCO DA GAMA AQUARIUM 125TH ANNIVERSARY)

7,5 Euro › copper-nickel - silver 925 *proof*

LONGLEAF SPEARMINT

(*MENTHA LONGIFOLIA*)

ENDANGERED FLORA SPECIES

5 Euro › copper-nickel - silver 925 *proof*

"MOEDA" (4000 RÉIS), OF PEDRO, PRINCE REGENT

NUMISMATIC TREASURES

2,5 Euro › gold 999 *proof*

JOSÉ AFONSO

PORTUGUESE MUSICIANS

5 Euro › copper-nickel - silver 925 *proof* - gold 999 *proof*

THE UNICORN

HEROES AND CREATURES OF MYTHOLOGY

5 Euro › copper-nickel - silver 925 *proof* - gold 999 *proof*

DIGITAL WORLD

10 Euro › silver 925 *proof*

INDO-PORTUGUESE FURNITURE

PORTUGAL AND THE EAST (PORTUGAL AND INDIA)

5 Euro › copper-nickel - silver 925 *proof* - gold 999 *proof*

BORDALO II

CONTEMPORARY URBAN ART

10 Euro › silver 925 *proof*

PAC-MAN

CHILDREN'S GAMES

5 Euro › silver 925 *proof*

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.

PREVISÃO DE LANÇAMENTO**Fevereiro**

SERIE ANUAL BEBÉ 2023

MOEDA DA COMEMORAÇÃO 2023

Junho*MIRAGAIA LONGICOLLUM*
DINOSSAUROS DE PORTUGALLITERACIA DOS MARES
(125 ANOS AQUÁRIO VASCO DA GAMA)HORTELÃ-BRAVA-DE-FOLHA-LONGA
(*MENTHA LONGIFOLIA*)
ESPECIES DE PLANTAS AMEAÇADAS**Julho**'MOEDA' (4000 RÉIS), DE D. PEDRO, PRINCIPE REGENTE
TESOUROS NUMISMATICOS

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA 2023

SERIE ANUAL PORTUGAL 2023 FDC

SERIE ANUAL PORTUGAL 2023 BNC

SERIE ANUAL PORTUGAL 2023 PROOF

AgostoJOSE AFONSO
MUSICOS PORTUGUESES**Setembro**UNICORNIO
HEROIS E CRIATURAS DA MITOLOGIA

O MUNDO DIGITAL

OutubroMOBILIÁRIO INDO-PORTUGUÊS
PORTUGAL E O ORIENTE (PORTUGAL E ÍNDIA)**Novembro**

UMA MOEDA PELA PAZ

BORDALO II
ARTE CONTEMPORÂNEA URBANA**Dezembro**PAC-MAN
JOGOS DE INFÂNCIA**EXPECTED RELEASE****February**

ANNUAL COIN SET BABY 2023

COMMEMORATION COIN 2023

June*MIRAGAIA LONGICOLLUM*
DINOSSAUERS IN PORTUGALSEA LITERACY
(VASCO DA GAMA AQUARIUM 125TH ANNIVERSARY)LONGLEAF SPEARMINT
(*MENTHA LONGIFOLIA*)
ENDANGERED FLORA SPECIES**July**'MOEDA' (4000 RÉIS), OF PEDRO, PRINCE REGENT
NUMISMATIC TREASURES

WORLD YOUTH DAY LISBON 2023

ANNUAL COIN SET PORTUGAL 2023 FDC

ANNUAL COIN SET PORTUGAL 2023 BU

ANNUAL COIN SET PORTUGAL 2023 PROOF

AugustJOSE AFONSO
PORTUGUESE MUSICIANS**September**THE UNICORN
HEROES AND CREATURES OF MYTHOLOGY

DIGITAL WORLD

OctoberINDO-PORTUGUESE FURNITURE
PORTUGAL AND THE EAST (PORTUGAL AND INDIA)**November**

A COIN FOR PEACE

BORDALO II
CONTEMPORARY URBAN ART**December**PAC-MAN
CHILDREN'S GAMESPLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME **CASA DA MOEDA** PORTUGALA INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



SÉRIE ANUAL BEBÉ 2023 ANNUAL COIN SET BABY 2023



Limite de emissão		Issue limit	
Bebé (FDC)	3500 conjuntos	Baby (FDC)	3500 sets
Embalagem	Carteira ilustrada	Packaging	Illustrated wallet
Autores	Vitor Santos e Luc Luycx	Authors	Vitor Santos e Luc Luycx
Previsão de lançamento	Fevereiro	Expected release	February

Novo capítulo

Para assinalar o nascimento de uma criança, a INCM decidiu reunir as moedas de cada ano numa embalagem destinada a ser personalizada com o nome e os primeiros dados biográficos do bebé. É o princípio de uma coleção com valor e com afeto.

New chapter

To mark the birth of a child, INCM decided to bring together the coins of each year in a personalized packaging bearing the baby's name and first biographical data.

It is the beginning of a collection with value and with affection.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



MOEDA DA COMEMORAÇÃO 2023 COMMEMORATION COIN 2023



Limite de emissão		Issue limit	
Flor de cunho (FDC)	3000 moedas	Fleur de coin (FDC)	3000 coins
Cuproniquel	7,5 g	Copper nickel	7.5 g
Valor facial	1 Euro	Face value	1 Euro
Diâmetro	23,25 mm	Diameter	23.25 mm
Embalagem	Carteira ilustrada	Packaging	Illustrated wallet
Autores	Vitor Santos e Luc Luycx	Authors	Vitor Santos e Luc Luycx
Previsão de lançamento	Fevereiro	Expected release	February

A primeira de muitas

A Moeda da Comemoração, proveniente das primeiras séries de cunhagem e escolhida pela sua qualidade, é uma moeda de 1,00 €, como um 1.º lugar, que vem lembrar a todos os que a têm na mão as vitórias alcançadas, os objetivos atingidos, os desafios superados, as montanhas já escaladas, a força demonstrada. Ela recorda-nos que o futuro, tal como ela, será brilhante. Que esta moeda comemorativa seja a primeira de muitas!

The first of many

The Commemoration Coin, from the first series of coinage and chosen for its quality, is a € 1.00 coin. Like a 1st place medal, it reminds all who hold it in their hands of the victories proudly achieved, the goals reached, the challenges overcome, the mountains already climbed, the determination shown. It tells us that the future, just like its surface, will be bright.

May this commemorative coin be the first of many!

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



MIRAGAIA LONGICOLLUM – DINOSSAUROS DE PORTUGAL MIRAGAIA LONGICOLLUM – DINOSSAURS IN PORTUGAL



Limite de emissão		Issue limit	
Cuproníquel	30 000 moedas	Copper nickel	30,000 coins
CuNi 75/25	14 g	CuNi 75/25	14 g
Prata proof	3000 moedas	Silver proof	3000 coins
Ag 925 ‰	14 g	Ag 925 ‰	14 g
Valor facial	5 Euros	Face value	5 Euros
Diâmetro	30 mm	Diameter	30 mm
Embalagem proof	Estojo com certificado de garantia numerado	Proof packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Joana Bruno	Author	Joana Bruno
Previsão de lançamento	Junho	Expected release	June

Peça Única

Dando continuidade à série «Dinossauros de Portugal», a República Portuguesa emite agora a terceira e última moeda de coleção alusiva ao nosso valioso património paleontológico. Desta vez, a espécie homenageada é o *Miragaia longicollum*, um dinossauro que viveu no Jurássico Superior, há 150 milhões de anos. Mais uma vez desenhada por Joana Bruno, formada em arqueologia e especialista em ilustração científica.

A versão em prata desta moeda comemorativa o *Miragaia longicollum* surge colorida, com a curiosidade adicional de brilhar no escuro.

One of a Kind

Continuing the "Dinosaurs in Portugal" series, the Republic of Portugal now issues the third and last collector's coin alluding to our valuable palaeontological heritage. This time, the highlighted species is *Miragaia longicollum*, a dinosaur which lived in the Upper Jurassic, 150 million years ago. Once again designed by Joana Bruno, an archaeology graduate and scientific illustration specialist.

The silver version of this commemorative coin the *Miragaia longicollum* appears in color, with the additional feature of glowing in the dark.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



LITERACIA DOS MARES (125 ANOS AQUÁRIO VASCO DA GAMA) SEA LITERACY (VASCO DA GAMA AQUARIUM 125TH ANNIVERSARY)



Limite de emissão		Issue limit	
Cuproníquel CuNi 75/25	30 000 moedas 18,5 g	Copper nickel CuNi 75/25	30.000 coins 18,5 g
Prata proof Ag 925 ‰	2500 moedas 13,5 g	Silver proof Ag 925 ‰	2500 coins 13,5 g
Valor facial	7,5 Euros	Face value	7,5 Euros
Diâmetro	33 mm	Diameter	33 mm
Embalagem proof	Estojo com certificado de garantia numerado	Proof packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Baiba Sime	Author	Baiba Sime
Previsão de lançamento	Junho	Expected release	June

Conhecer para Preservar

Aos 125 anos, o Aquário Vasco da Gama mantém-se empenhado na divulgação da biodiversidade aquática de Portugal e do conhecimento dos mares, fomentando uma interação informada e responsável com este importante ecossistema e recurso económico. Assim, para promover a literacia dos mares e homenagear uma instituição que tanto tem feito por ela, a República Portuguesa emite esta moeda de coleção desenhada por Baiba Sime, artista multidisciplinar formada na Academia de Artes da Letónia, que trabalha há vários anos como gravadora numismática na INCM e que concebeu já inúmeras moedas comemorativas e de coleção.

Knowing in order to Preserve

Currently celebrating 125 years, the Vasco da Gama Aquarium remains committed to the promotion of Portugal's aquatic biodiversity and knowledge about the seas, encouraging informed and responsible interactions with this important ecosystem and economic resource. In 2023, to promote sea literacy and pay tribute to an institution that has done so much for that cause, the Portuguese Republic issues this collector's coin designed by Baiba Sime, a multidisciplinary artist trained at the Latvian Academy of Arts, who has worked for several years as numismatic engraver at the Portuguese Mint and has designed several commemorative and collector coins.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



HORTELÃ-BRAVA-DE-FOLHA-LONGA (*MENTHA LONGIFOLIA*) ESPÉCIES DE PLANTAS AMEAÇADAS LONGLEAF SPEARMINT (*MENTHA LONGIFOLIA*) ENDANGERED FLORA SPECIES



Limite de emissão	30 000 moedas	Issue limit	30,000 coins
Cuproníquel CuNi 75/25	14 g	Copper níquel CuNi 75/25	14 g
Prata <i>proof</i>	3000 moedas	Silver <i>proof</i>	3000 coins
Ag 925 ‰	14 g	Ag 925 ‰	14 g
Valor facial	5 Euros	Face value	5 Euros
Diâmetro	30 mm	Diameter	30 mm
Embalagem <i>proof</i>	Estojo com certificado de garantia numerado	<i>Proof</i> packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Catarina Sobral	Author	Catarina Sobral
Previsão de lançamento	Junho	Expected release	June

O Perfume do Efêmero

Depois do trevo de quatro folhas (*Marsilea quadrifolia*) e do alcar-do-Algarve (*Tuberaria major*), esta é a terceira moeda da série «Espécies de Plantas Ameaçadas», que visa promover o conhecimento e a preservação das espécies da flora nacional atualmente em perigo. Tal como as duas que a antecederam, a moeda de coleção dedicada à hortelã-brava-de-folha-longa foi desenhada pela ilustradora Catarina Sobral, premiada nacional e internacionalmente.

À semelhança das anteriores, esta moeda tem apon-tamentos de cor na versão em prata, mas, além disso, tem ainda uma componente aromática — trata-se da primeira moeda portuguesa com cheiro, obtido a partir de micro-cápsulas de fragrância de menta.

The Perfume of the Ephemeral

After the four-leafed clover (*Marsilea quadrifolia*) and the Algarve alcar (*Tuberaria major*), this is the third coin in the "Threatened Plant Species" series, which aims to promote the knowledge and preservation of species of national flora currently in danger. Like the two that preceded it, the coin dedicated St. John's horsemint was designed by the national and international award-winning illustrator Catarina Sobral.

Just like the previous ones, this coin has colour high-lights on the silver version, but, in addition to those, it also has an aromatic component — it is the first Portuguese coin with scent, obtained from micro-capsules of mint fragrance. Included in the ink, they release the aroma when rubbed.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



"MOEDA" (4000 RÉIS), DE D. PEDRO, PRÍNCIPE REGENTE
TESOUROS NUMISMÁTICOS
"MOEDA" (4000 RÉIS), OF PEDRO, PRINCE REGENT
NUMISMATIC TREASURES



Limite de emissão		Issue limit	
Ouro <i>proof</i>	2500 moedas	Gold <i>proof</i>	2500 coins
Au 999 ‰	15.55 g	Au 999 ‰	15.55 g
Valor facial	2.5 Euros	Face value	2.5 Euros
Diâmetro	28 mm	Diameter	28 mm
Embalagem <i>proof</i>	Estojo com certificado de garantia numerado	<i>Proof packaging</i>	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Rui Vasquez	Author	Rui Vasquez
Previsão de lançamento	Julho	Expected release	July

O Poder das Transições

A série «Tesouros Numismáticos» recria moedas raras nacionais, usando a mais avançada tecnologia do presente. Em 2023, a Casa da Moeda emite a moeda de coleção «Dom Pedro», reinterpretado pelo escultor Rui Vasquez.

Esta moeda é um dos resultados do processo de transição tecnológica que marca a passagem da cunhagem a martelo para a cunhagem por balancé, técnica que permitiu lavar peças, em série, com acabamentos mais perfeitos.

The Power of Transitions

The "Numismatic Treasures" series recreates rare national coins using today's most advanced technology. In 2023, INCM issues the "Dom Pedro" collectible coin, reinterpreted by the sculptor Rui Vasquez.

This coin is one of the results of the technological transition that marks the change from hammer minting to balancé minting, a technique that allowed pieces to be minted in series with more perfect finishes.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
 INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE LISBOA 2023 WORLD YOUTH DAY LISBON 2023



Limite de emissão		Issue limit	
Corrente	1 000 000 moedas	Regular finish	1.000.000 coins
BNC	7500 moedas	BU	7500 coins
<i>Proof</i>	7500 moedas	<i>Proof</i>	7500 coins
Cuproníquel	8,5 g	Copper nickel	8.5 g
Valor facial	2 Euros	Face value	2 Euros
Diâmetro	25,75 mm	Diameter	25.75 mm
Embalagem (BNC e <i>Proof</i>)	Carteira ilustrada	Packaging (BU and <i>Proof</i>)	Illustrated wallet
Autor	João Duarte e Luc Luycx	Author	João Duarte and Luc Luycx
Previsão de lançamento	Julho	Expected release	July

Para os Jovens e com os Jovens

Em 2023 reúne-se em Lisboa a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), é um encontro de jovens de todo o mundo com o Papa. É, simultaneamente, uma peregrinação e uma festa da juventude, que visa promover os princípios universais da paz, da união e da fraternidade entre os povos e as nações.

Para assinalar este momento histórico, a República Portuguesa emite uma moeda corrente comemorativa de 2,00 €. O autor convidado para a desenhar foi o escultor João Duarte.

For the Young and with the Young

In 2023 the World Youth Day (WYD) will take place in Lisbon, is a meeting of young people from all over the world with the Pope. It is both a pilgrimage and a celebration of youth, aimed at promoting the universal principles of peace, unity and brotherhood among peoples and nations.

To mark this historic moment, the Portuguese Republic is issuing a commemorative € 2.00 coin. The artist invited to design it was sculptor João Duarte.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



SÉRIE ANUAL PORTUGAL 2023 ANNUAL COIN SET PORTUGAL 2023



Limite de emissão		Issue limit	
<i>Proof</i>	1500 conjuntos	<i>Proof</i>	1500 sets
Embalagem	Estojo com certificado de garantia numerado	Packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Brihante não circulada (BNC)	10 000 conjuntos	Brilliant uncirculated (BU)	10.000 sets
Embalagem	Carteira ilustrada	Packaging	Illustrated wallet
Flor de cunho (FDC)	10 000 conjuntos	Fleur de coin (FDC)	10.000 sets
Embalagem	Carteira ilustrada	Packaging	Illustrated wallet
Autores	Vitor Santos e Luc Luycx	Authors	Vitor Santos e Luc Luycx
Previsão de lançamento	Julho	Expected release	July

Beleza na harmonia (anti-guerra)

A beleza na harmonia é um tema intemporal que tem inspirado artistas, músicos e poetas ao longo dos séculos. É a ideia de que a beleza se encontra na combinação de elementos diferentes para criar uma sensação de equilíbrio e paz. A harmonia é um conceito que pode ser encontrado em todos os aspetos da vida, desde a natureza até a música, e é por isso que a escolhemos como tema para as moedas da série anual de 2023.

A Casa da Moeda espera que esta série inspire as pessoas a procurar a beleza da harmonia em todas as áreas da vida e a apreciar a beleza que pode ser encontrada na combinação de elementos diferentes.

Beauty in harmony (anti-war)

Beauty in harmony is a timeless theme that has inspired artists, musicians, and poets throughout the centuries. It is the idea that beauty is found in combining different elements to create a sense of balance and peace. Harmony is a concept that can be found in all aspects of life, from nature to music, which is why we have chosen it as the theme for the coins of the 2023 annual series.

The Mint hopes that this series will inspire people to seek the beauty of harmony in all areas of life and to appreciate the beauty that can be found in the combination of different elements.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



JOSÉ AFONSO – MÚSICOS PORTUGUESES JOSÉ AFONSO – PORTUGUESE MUSICIANS



Limite de emissão		Issue limit	
Cuproníquel	30 000 moedas	Copper níquel	30.000 coins
CuNi 75/25	14 g	CuNi 75/25	14 g
Prata <i>proof</i>	3000 moedas	Silver <i>proof</i>	3000 coins
Ag 925 ‰	14 g	Ag 925 ‰	14 g
Ouro <i>proof</i>	2000 moedas	Gold <i>proof</i>	2000 coins
Au 999 ‰	15.55 g	Au 999 ‰	15.55 g
Valor facial	5 Euros	Face value	5 Euros
Diâmetro	30 mm	Diameter	30 mm
Embalagem <i>proof</i>	Estojo com certificado de garantia numerado	<i>Proof</i> packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Francisco Providência	Author	Francisco Providência
Previsão de lançamento	Agosto	Expected release	August

Cantar a Justiça

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos — mais conhecido por José Afonso, ou Zeca Afonso — nasceu a 2 de agosto de 1929, em Aveiro, e veio a tornar-se uma das figuras mais influentes do século XX português. Poeta, cantor e compositor de inúmeras obras bem conhecidas de todos, deu palavras, voz e melodia a "Grândola, Vila Morena", canção usada pelo Movimento das Forças Armadas como sinal de partida para a Revolução do 25 de Abril de 1974.

Esta moeda de coleção, que inaugura a série dedicada a Músicos Portugueses, foi concebida pelo prestigiado designer e professor no departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, Francisco Providência.

Singing Justice

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos — better known as José Afonso, or Zeca Afonso — was born on August 2nd 1929, in Aveiro, and went on to become one of the most influential figures of the Portuguese 20th century. Poet, singer and composer of countless well known tunes, he gave words, voice and melody to "Grândola, Vila Morena", a song used by the Armed Forces Movement as the signal to start the 25th of April Revolution, in 1974.

This collector's coin, which inaugurates the series dedicated to Portuguese Musicians, was created by the prestigious designer and professor at the Department of Communication and Art of the Aveiro University, Francisco Providência.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
 INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



UNICÓRNIO — HERÓIS E CRIATURAS DA MITOLOGIA THE UNICORN — HEROES AND CREATURES OF MYTHOLOGY



Limite de emissão		Issue limit	
Cuproníquel	30 000 moedas	Copper níkel	30.000 coins
CuNi 75/25	14 g	CuNi 75/25	14 g
Prata proof	3000 moedas	Silver proof	3000 coins
Ag 925 ‰	14 g	Ag 925 ‰	14 g
Ouro proof	2000 moedas	Gold proof	2000 coins
Au 999 ‰	15.55 g	Au 999 ‰	15.55 g
Valor facial	5 Euros	Face value	5 Euros
Diâmetro	30 mm	Diameter	30 mm
Embalagem proof	Estojo com certificado de garantia numerado	Proof packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Susa Monteiro	Author	Susa Monteiro
Previsão de lançamento	Setembro	Expected release	September

Pureza Luminosa

A série de moedas comemorativas «Heróis e Criaturas da Mitologia» — que celebra personagens universais que ligam as sucessivas gerações — é inaugurada com o Unicórnio. Hoje, conhecemo-lo como um amigoso cavalo branco, de chifre inofensivo e crina em tons de arco-íris. O unicórnio representa bondade, pureza e capacidade de sonhar. Mas não foi sempre assim. Atualmente, mais do que tema para festas infantis ou nome dado a start-ups bem-sucedidas, o unicórnio é testemunho da nossa infinita capacidade de criar histórias e transformar mal-entendidos em lendas. Esta moeda, foi desenhada pela ilustradora Susa Monteiro (1979), natural de Beja, que tem diversos livros publicados, realiza exposições coletivas e em nome individual, e já recebeu várias distinções, tornando-a uma das novas apostas da ilustração nacional.

Luminous Purity

The Unicorn commemorative coin is the first of a series called "Mythological Heroes and Creatures," intended to celebrate universal symbols that connect all generations. Today, we think of it as a friendly white horse with a harmless horn and a rainbow coloured mane. The unicorn represents goodness, purity, and the ability to dream. But it wasn't always like this. Today, more than a theme for children's parties or a name given to successful start-ups, the unicorn is a testament to our infinite ability to fabricate stories and turn misunderstandings into legends. This coin, was designed by Susa Monteiro (1979), an illustrator born in Beja, who has published books, exhibited her work in galleries, and received several awards, making her one of the new names in Portuguese illustration.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



O MUNDO DIGITAL DIGITAL WORLD



Limite de emissão		Issue limit	
Prata proof	4000 moedas	Silver proof	4000 coins
Ag 925%	27 g	Ag 925%	27 g
Valor facial	10 Euros	Face value	10 Euros
Diâmetro	40 mm	Diameter	40 mm
Embalagem proof	Estojo com certificado de garantia numerado	Proof packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Criatividade Computacional	Author	AI creativity
Previsão de lançamento	Setembro	Expected release	September

Duas Faces Comunicantes

Para criar a primeira moeda (física) do mundo desenhada por Inteligência Artificial, a Casa da Moeda aliou-se ao Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra (CISUC), uma instituição líder na área das Ciências da Computação. Pela primeira vez na história da cunhagem de moeda em Portugal, a Inteligência Artificial (IA) terá um papel na conceção de uma peça. Com esta experiência pioneira pretende-se ilustrar uma realidade em que o biológico e o digital são indissociáveis. Uma face da moeda — o reverso — é desenhada por IA para humanos, a outra face — o anverso — é desenhada por humanos para máquinas. A face criada por IA será aquilo que esta «pensa» ser uma representação válida para um humano de «uma moeda sobre o mundo digital». A face desenhada por humanos será o código necessário para a IA reproduzir a outra face. Ou seja, embora tenham uma aparência distinta, o conteúdo de ambas as faces é idêntico, sendo tecnicamente possível converter uma na outra.

Two Communicating Sides

To create the world's first (physical) coin designed by Artificial Intelligence, the Portuguese Mint teamed up with the Centre for Informatics and Systems of the University of Coimbra (CISUC), a leading institution in the field of Scientific Computing. For the first time in the history of coin minting in Portugal, artificial intelligence (AI) will play a role in the design of a piece. This pioneering experience aims to illustrate a reality where the biological and the digital are inseparable. One side of the coin — the reverse — is designed by AI for humans, the other side — the obverse — is designed by humans for machines. The side created by AI will be what the AI "thinks" is a valid representation for a human of "a coin about the digital world." The human-drawn side — the obverse — will be the code needed for the AI to reproduce the other side. In other words, although they look different, the content of both sides is identical, and it is technically possible to convert one into the other.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME **CASA DA MOEDA** PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



MOBILIÁRIO INDO-PORTUGUÊS – PORTUGAL E O ORIENTE (PORTUGAL E ÍNDIA) INDO-PORTUGUESE FURNITURE – PORTUGAL AND THE EAST (PORTUGAL AND INDIA)



Limite de emissão		Issue limit	
Cuproníquel CuNi 75/25	30 000 moedas 14 g	Copper nickel CuNi 75/25	30.000 coins 14 g
Prata proof Ag 925 ‰	3000 moedas 14 g	Silver proof Ag 925 ‰	3000 coins 14 g
Ouro proof Au 999 ‰	2000 moedas 15,55 g	Gold proof Au 999 ‰	2000 coins 15,55 g
Valor facial	5 Euros	Face value	5 Euros
Diâmetro	30 mm	Diameter	30 mm
Embalagem proof	Estojo com certificado de garantia numerado	Proof packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Sara Feio	Author	Sara Feio
Previsão de lançamento	Outubro	Expected release	October

Encontro de Tradições

A Índia já era conhecida dos portugueses, e o comércio com aquele território era há muito cobiceado, mas foi a descoberta do caminho marítimo até ele, por Vasco da Gama e a sua armada, em maio de 1498, que abriu definitivamente as portas às trocas diretas. Mais de seis séculos de cruzamentos entre Portugal e Índia deixaram marcas e bastante património em comum, mas talvez o símbolo que melhor sintetize estes encontros seja o famoso mobiliário indo-português. Sara Feio é uma das mais interessantes ilustradoras portuguesas da sua geração. A moeda alusiva ao mobiliário indo-português é a sua primeira criação numismática, comprovando que a Casa da Moeda está empenhada em promover novos talentos.

A Meeting of Traditions

India was already known to the Portuguese, and trade with that territory had long been coveted, but it was the discovery of the sea route to it by Vasco da Gama and his armada in May 1498 that definitively opened the doors to direct exchanges. More than six centuries of connections between Portugal and India have left many marks and much heritage in common, but perhaps the symbol that best sums up these encounters is the famous Indo-Portuguese furniture. Sara Feio is one of the most interesting Portuguese illustrators of her generation. The coin alluding to Indo-Portuguese furniture is her first numismatic creation, and it shows how the Portuguese Mint is committed to promoting new talents.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



BORDALO II – ARTE CONTEMPORÂNEA URBANA BORDALO II – CONTEMPORARY URBAN ART



Limite de emissão		Issue limit	
Prata proof	4000 moedas	Silver proof	4000 coins
Ag 925 ‰	19.3 g	Ag 925 ‰	19.3 g
Valor facial	10 Euros	Face value	10 Euros
Diâmetro	40 mm	Diameter	40 mm
Embalagem proof	Estojo com certificado de garantia numerado	Proof packaging	Case with numbered certificate of guarantee
Autor	Bordalo II	Author	Bordalo II
Previsão de lançamento	Novembro	Expected release	November

Novos Valores

A terceira moeda da série Arte Contemporânea Urbana é dedicada a Bordalo II. Artur Bordalo (Lisboa, 1987), neto do pintor Real Bordalo, estudou nas Belas-Artes, em Lisboa, mas não terminou o curso, por se ter entusiasmado com a abordagem multidisciplinar à arte e com as suas criações de grande escala feitas a partir de material desperdiçado por outros. Hoje, é ao mesmo tempo escultor, pintor, soldador e *graffiter*, e já não trabalha na sombra, pelo contrário.

Em ambas as faces da moeda de prata vê-se uma meia-lua de polímero reciclado, o que representou um novo desafio técnico para a Casa da Moeda, que se aliou ao PIEP — Pólo de Inovação em Engenharia de Polímeros.

Tal como todas as obras de Bordalo II, também esta moeda será inovadora e imediatamente reconhecível como sua.

New Values

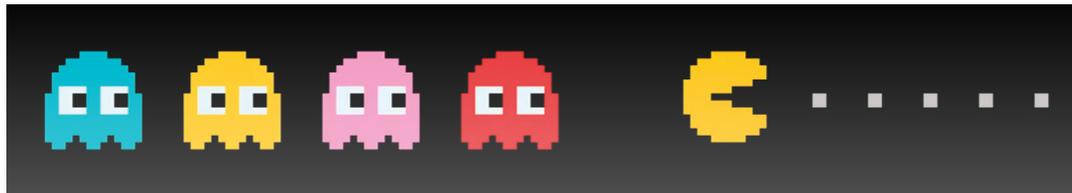
The third coin in the "Urban Contemporary Art" series is dedicated to Bordalo II. Artur Bordalo (Lisbon, 1987), grandson of the painter Real Bordalo, studied at the Faculdade de Belas Artes, in Lisbon, but did not finish his degree, opting to pursue his passion instead: the multidisciplinary approach to art and large-scale creations made from discarded material. Today, he is simultaneously a sculptor, a painter, a welder, and a graffiti artist no longer working in the shadows.

On both sides of the silver coin there is a half-moon made of recycled polymer, something which represented a new technical challenge for the Portuguese Mint, which joined forces with the Centre for Innovation in Polymer Engineering (PIEP).

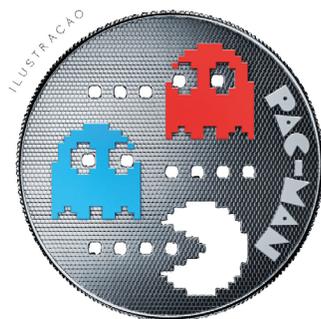
Like all the works by Bordalo II, this coin will also be innovative and immediately recognisable as his.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



PAC-MAN – JOGOS DE INFÂNCIA PAC-MAN – CHILDREN'S GAMES



Limite de emissão

Prata *proof* 4000 moedas

Ag 925 ‰ 12,6 g

Diâmetro 30 mm

Valor facial 5 Euros

Embalagem *proof* Estajo com certificado de garantia numerado

Autor Jorge Silva

Previsão de lançamento Dezembro

Issue limit

Silver *proof* 4000 coins

Ag 925 ‰ 12,6 g

Diameter 30 mm

Face value 5 Euros

Proof packaging Case with numbered certificate of guarantee

Author Jorge Silva

Expected release December

Quatro Décadas de Diversão

O Jogo Pac-Man, criado em 1979, recebeu inúmeros prémios e distinções, sendo considerado um dos videojogos mais influentes de todos os tempos.

Dada a sua importância ao longo de mais de quatro décadas, em 2023 a Casa da Moeda dedica a segunda moeda da série «Jogos de Infância» ao icónico Pac-Man. Concebida por Jorge Silva, um dos mais aclamados designers portugueses.

Esta moeda de coleção, foi desenvolvida por tecnologia aditiva e cunhagem tradicional, numa parceria entre a INCM e o Instituto de Engenharia Mecânica do Instituto Superior Técnico.

Four Decades of Fun

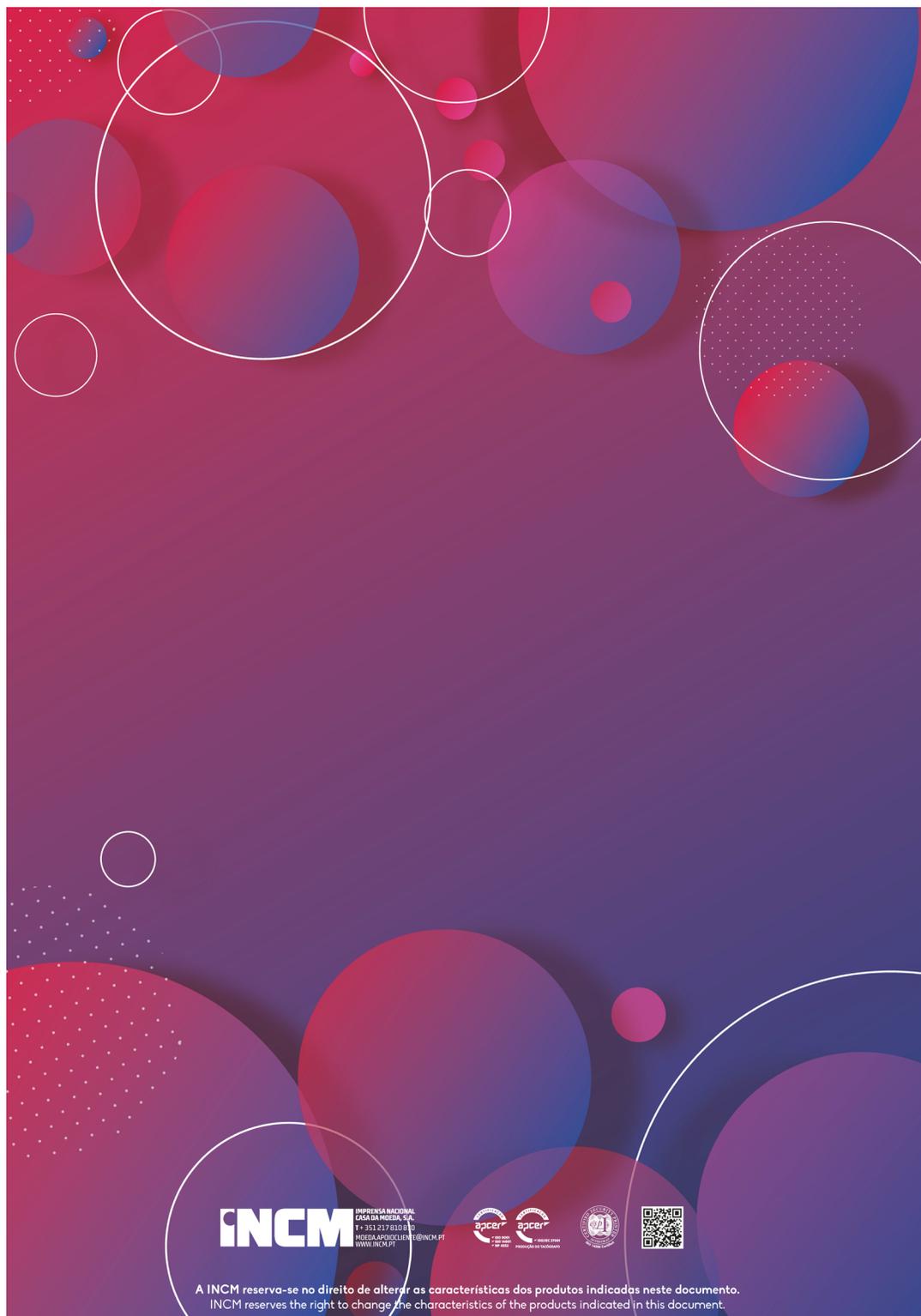
The Pac-Man game, created in 1979, has received numerous awards and distinctions, and is considered one of the most influential video games of all time.

Given its importance for more than four decades, in 2023 the Portuguese Mint devotes the second coin of the "Childhood Games" series to the iconic Pac-Man. Designed by Jorge Silva, one of Portugal's most acclaimed designers, it features the hero, but also his opponents.

This collector's coin, was created by additive technology and traditional coinage, in a partnership between the Portuguese Mint and IST's Mechanical Engineering Institute.

PLANO NUMISMÁTICO 2023 NUMISMATIC PROGRAMME CASA DA MOEDA PORTUGAL

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



INCM IMPRENSA NACIONAL
CASA IMPIEDRA S.A.
T + 381 217 8101 D
MODELA@PRODUCENTE@INCM.PT
WWW.INCM.PT

A INCM reserva-se no direito de alterar as características dos produtos indicadas neste documento.
INCM reserves the right to change the characteristics of the products indicated in this document.



Uma nova incorporação: álbum de desenhos de João Lemos Gomes

O Museu Casa da Moeda incorporou no seu acervo um álbum contendo os originais dos desenhos feitos por João Lemos Gomes para a obra de J. Ferraro Vaz intitulada *Catálogo das moedas portuguesas. Portugal continental, 1640-1948*, publicada, em Lisboa, em 1948. Esta é uma obra essencial para se estudar e compreender a história da moeda produzida, em Portugal, entre o reinado de D. João IV e o Estado Novo.

Além de conter os originais dos desenhos publicados no livro, este álbum integra um conjunto de desenhos que não foram incluídos na obra, razão pela qual se podem considerar inéditos. É importante sublinhar que o Museu Casa da Moeda integra, no seu acervo, várias moedas de tipologia idêntica à dos desenhos reunidos no álbum, o que permite cruzar este inestimável conjunto de desenhos com uma das mais importantes coleções de moedas do país.

A cerimónia de doação decorreu na Sala do Painel da Casa da Moeda e contou com a presença dos herdeiros de João Lemos Gomes e dos representantes da INCM/Museu Casa da Moeda. Ao abrigo do acordo de doação, o Museu Casa da Moeda compromete-se a conservar e a estudar este álbum, facultando o seu acesso a todos os investigadores que queiram conhecê-lo e promovendo iniciativas que o divulguem junto do público.



Azulejos: uma história aos quadrinhos

Quadrados e quadrinhos, azuis e brancos, de várias cores, os azulejos fazem parte da nossa história desde há muitos e muitos séculos. Pela mão de D. Fuas, um velho e simpático fidalgo português, esta é uma viagem por palácios, quintas, igrejas, conventos, estações de comboios, edifícios das cidades e muitos outros lugares onde existem azulejos. Em Portugal, há azulejos em toda a parte: a questão é saber vê-los! – E saber de que estilo são, como foram feitos, a que época e a que lugar pertencem.

Azulejos: uma história aos quadrinhos é um percurso fascinante pela arte e a história do nosso país, feita de passado, presente e futuro. Com texto de António Araújo e ilustrações de Filipe Abranches, este livro procura contar a história destes objetos que fazem parte da identidade portuguesa. Com design e direção de arte do Pato Lógico, o livro integra a coleção que o Museu Casa da Moeda tem dedicado ao público infantojuvenil e pode ser adquirido em todas as lojas da INCM.

CHAMADA DE TRABALHOS

70

A *Revista M* é a revista científica do Museu Casa da Moeda, um projeto de museologia digital, dedicado à numismática e à medalhística, desenvolvido pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Nela se publicam textos inéditos que representem contributos relevantes para o aprofundamento dos nossos conhecimentos em áreas como a numismática, a medalhística, a notafilia, a filatelia, a história, a arqueologia ou outros domínios.

A *Revista M* é uma publicação gratuita, de periodicidade anual. Os seus números estão alojados no sítio do Museu Casa da Moeda (www.museucasadamoeda.pt). Os originais submetidos para publicação devem pautar-se pelos mais elevados padrões de rigor e exigência, podendo apresentar-se sob a forma de artigos científicos, notas de investigação, estados da arte, resenhas ou notícias.

Os originais devem ser redigidos em português, segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, embora também se aceitem textos em inglês. Os originais devem ser apresentados em letra *Times New Roman*, com texto a letra 12 (corpo) e 10 (notas de rodapé), espaçamento 1,5. A extensão dos textos não deve ultrapassar as 25.000 palavras (artigos científicos, notas de investigação e estados da arte), 2.500 palavras (resenhas) ou 500 palavras (notícias). São permitidas imagens a cores.

Os originais que se enquadrem nas tipologias de artigo científico, notas de investigação e estados da arte devem conter obrigatoriamente os seguintes elementos:

- Título;
- Nome(s) do(s) autor(es);
- Filiação institucional do(s) autor(es);
- E-mail profissional do(s) autor(es);
- Resumo do texto (máximo de 300 palavras), em português e em inglês;
- 5 palavras-chave, em português e em inglês;
- Referências bibliográficas, com todos os títulos citados ao longo do texto.

Os comentários ao texto e as referências de apoio ao texto devem ser remetidos para notas de rodapé, aconselhando-se, nestes casos, a existência de notas concisas.

Os originais devem ser enviados, em formato digital editável (ficheiro *Word*), para o *e-mail* museucasadamoeda@incm.pt, ao cuidado do editor da revista.

Todos os originais são submetidos a leitura prévia pelo editor e o conselho editorial da revista, e, nos casos dos artigos científicos, das notas de investigação e dos estados da arte, por um revisor da especialidade, que emite um parecer positivo ou negativo à sua publicação. Os autores dos originais podem ser convidados, sempre que o parecer o justifique, a refazer parcialmente os seus textos em prazo estipulado, de forma a que estes se enquadrem nos padrões de qualidade da revista. Os editores reservam-se o direito de publicar ocasionalmente textos de elevado interesse sem os submeter ao processo de arbitragem científica.

Os autores dos textos publicados devem estar cientes de que os respetivos leitores podem ler, consultar, descarregar, imprimir, distribuir ou referir os textos noutros locais, sem autorização prévia dos editores ou dos autores, desde que devida e corretamente citados.

O Museu Casa da Moeda não se responsabiliza por quaisquer infrações que decorram da publicação dos originais recebidos, nomeadamente no que respeita aos direitos de autor sobre os textos ou as imagens submetidos para publicação, que são da inteira responsabilidade dos autores dos originais.

WWW.MUSEUCASADAMOEDA.PT